



Estratégia
Militares

Conectivos, Coordenação e Subordinação

Relações do período
composto



Prof. Wagner Santos

AULA 08

24 de maio de 2021

WWW.STRATEGIAMILITARES.COM.BR

Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 SIGNIFICADO DOS CONECTIVOS	3
1.2 Significado das Preposições	4
1.2 Significado das conjunções	6
2 O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO	9
2.1 Orações coordenadas	10
Orações coordenadas sindéticas	11
Orações coordenadas assindéticas	15
2.2 Orações subordinadas	15
Orações subordinadas substantivas	16
Orações subordinadas adjetivas	17
Orações subordinadas adverbiais	18
3 QUESTÕES	21
4 GABARITO	56
5 QUESTÕES COMENTADAS	57

Apresentação

Fala, Bolas de Fogo!

Chegamos a uma das partes mais profundas e importantes das relações sintáticas na língua portuguesa: o uso dos períodos compostos, como forma de construção de significados e de saberes. Essa é uma aula importante, inclusive, para a sua produção de texto, então, fique muito atento a tudo aquilo que apresentaremos.

Nesta aula, veremos:

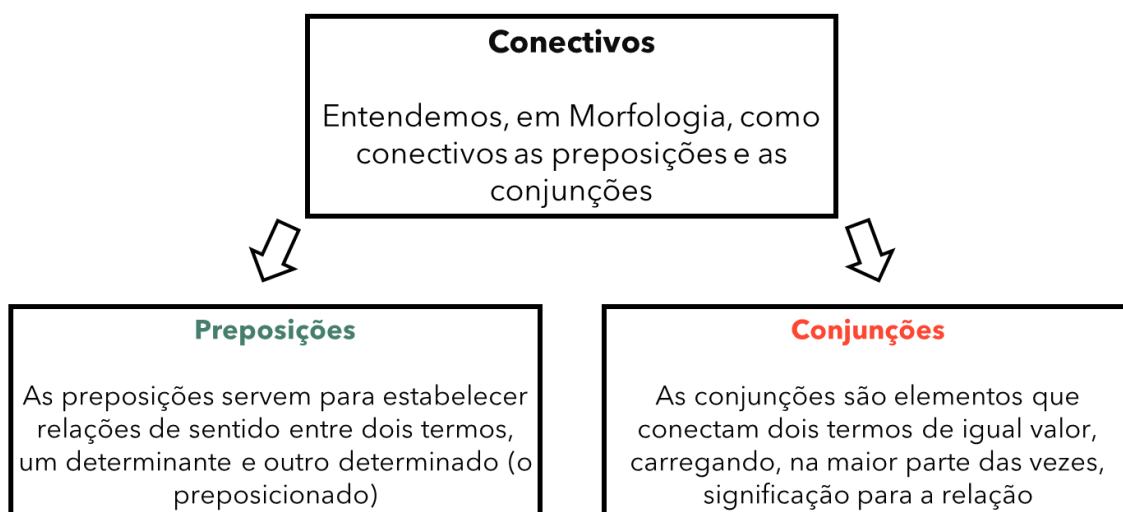
- Conectivos;
- Orações coordenadas; e
- Orações subordinadas.

Para esta aula, super recomendo que tentemos nos livrar um pouco das decorebas e comecemos a tentemos pensar o texto como um feixe de significados importantes e variáveis conforme o contexto. Não se esqueça de que temos uma relação variável quando o assunto é compreender e classificar relações entre orações. Fiquemos ligados em tudo o que um texto pode indicar.

Bora que só bora?

1 Significado dos conectivos

Nesta aula, antes de entrarmos na parte de coordenação e subordinação, tão importante para a construção textual, é interessante que entendamos que os conectivos apresentam valores específicos de significação, que já discutimos nas aulas de morfologia de forma mais superficial. Antes de tudo, é importante que entendamos que:



Tendo em conta as duas definições apresentadas, podemos caminhar com a ideia de como é que esses conectivos se organizam. Esse ponto é importante: os valores semânticos

dos dois conectivos são essenciais a um bom desempenho na hora de resolvermos questões. Gostaria, ainda, de destacar duas ideias importantíssimas com relação aos nossos conectivos:

- 1) **Tanto as conjunções quanto as preposições não apresentam função sintática:** essa é uma observação essencial para a sua compreensão do que ocorre em nossas análises. Ainda que introduzam termos que desempenham (ou não) funções sintáticas, os próprios conectivos não desempenharão.
- 2) **As preposições sempre encabeçam termos que desempenham função sintática:** nesse caso, temos uma complementação da primeira ideia apresentada. Ainda que a própria preposição não desempenhe função sintática, ela sempre encabeçará um termo que apresenta função dentro do contexto. Não se esqueça jamais disso.

1.2 Significado das Preposições

As preposições estabelecem ligações entre as palavras, como dito anteriormente. Essa relação pode ser de muitas naturezas diversas, variando imensamente as possibilidades de classificação sintática do termo preposicionado, sempre dependendo do contexto de uso. Contudo, **preste atenção**: uma mesma preposição pode estabelecer qualquer uma das relações dependendo do contexto, **também com relação a seu sentido, sua semântica**. Estas são as principais relações que uma preposição pode estabelecer:

ASSUNTO	EXEMPLO	EXPLICAÇÃO
Assunto	Falar sobre política	Qual o assunto da ação?
Autoria	A música de Caetano Veloso.	Quem escreveu a música?
Causa	Chorou de raiva.	Por que motivo fez a ação?
Companhia	Fui com ele.	Quem estava junto na ação?
Conteúdo	Uma taça de vinho	O que estava dentro da taça?
Destino	Vou a Paris.	Para onde vai?
Distância	Parei a um passo da porta.	A que distância fez a ação?
Finalidade	Vim para te ver.	A fim de que veio?
Instrumento	Me cortei com a faca.	O que foi usado para realizar a ação?
Limite	Fui até o fim da rua.	Até onde foi a ação?
Lugar	Está sobre a mesa.	Onde está o objeto?
Matéria	Um anel de ouro.	Do que é feito o objeto?
Meio	Viajamos de avião.	Qual o meio de realização da ação.

Modo	Votou em branco.	Como a ação foi realizada?
Oposição	O Brasil jogou contra o Chile.	Há oposição na ação.
Origem	Veio de família rica.	Qual a origem da pessoa?
Preço	Vendeu a seis reais.	Qual o preço do objeto?
Posse	O livro de Maria.	Quem possui o livro?
Tempo	Saímos após o jantar.	Qual a hora que a ação se deu?

*atenção para não confundir **Causa** e **Finalidade**!

Causa: Algo ocorreu e, por isso, houve um resultado. Ex.: Ele foi preso por assalto. (A causa dele ter sido preso foi o assalto)

Finalidade: Faz-se algo para que um resultado ocorra. Ex.: Ele trabalhava para o sustento da família. (O objetivo, ou seja, a finalidade da ação de trabalhar é o sustento da família)

É interessante, ainda, que entendamos outra possibilidade de confusão: **Modo** e **Instrumento**.

Modo: É uma ideia abstrata que indica como uma determinada ação foi realizada. Ex.: Eles chegaram rapidamente ao seu destino. (Indica como eles chegaram, de forma abstrata.)

Instrumento: É uma ideia concreta, que indica o que foi usado para realizar uma ação. Ex.: Eles se marcaram com a caneta. (Indica como eles foram marcados. É fato importantíssimo para a **voz reflexiva** dos verbos.)

DICA

Para entender qual a relação estabelecida, procure pistas no verbo. Um verbo como "vender", por exemplo, tem grandes chances de se relacionar a preço. Use seu vocabulário a seu favor.

Algumas preposições merecem maior atenção, principalmente porque podem aparecer em mais de uma situação diferente e exprimir diferentes relações. Aqui, alguns dos exemplos mais comuns:

<p>Preposição “a”</p> <p>Destino: Vão a São Paulo.</p> <p>Distância: Estava a um metro.</p> <p>Finalidade: Tinha dois amigos a me aconselhar.</p> <p>Instrumento: Escreveu à caneta.</p> <p>Meio: Andei a cavalo.</p> <p>Modo: Vive à sua própria vontade.</p> <p>Movimento: Ela foi à feira.</p> <p>Preço: Vendia uma peça a cem reais.</p> <p>Proximidade: Postou-se à entrada da casa.</p> <p>Tempo: Às manhãs de sábado, dormia mais.</p> <p>Preposição “de”</p> <p>Autoria: O livro de Machado de Assis.</p> <p>Causa: Gritou de ódio.</p> <p>Conteúdo: Um copo de suco.</p> <p>Lugar: Veio de longe.</p> <p>Matéria: Colar de prata.</p> <p>Meio: Vivia do seu próprio trabalho.</p> <p>Modo: Me encarou de frente.</p> <p>Origem: Vim de família pobre.</p> <p>Posse: A casa de minha família.</p> <p>Tempo: De noite, chorava.</p> <p>Preposição “em”</p> <p>Estado ou mudança de estado: As árvores em flor / Tornou água em vinho.</p> <p>Lugar: Estava em Paris.</p> <p>Modo: Os fiéis vieram em romaria.</p> <p>Preço: Avaliaram a casa em um milhão.</p> <p>Tempo: Em minutos, estavam longe.</p>	<p>Preposição “com”</p> <p>Causa: Perderam tudo com as chuvas.</p> <p>Companhia: Saiu com os amigos.</p> <p>Instrumento: Destruiu com as mãos.</p> <p>Oposição: Estão em guerra com a Espanha.</p> <p>Preposição “contra”</p> <p>Lugar: Segurava o papel contra o peito.</p> <p>Oposição: Um lutou contra o outro.</p> <p>Preposição “para”</p> <p>Direção: Viajou para o norte.</p> <p>Fim: Nascido para brilhar.</p> <p>Lugar: Rumou para sua casa.</p> <p>Preposição “por”</p> <p>Causa: Veio por mim.</p> <p>Finalidade: Viveu por ajudar os outros.</p> <p>Lugar: Olhou por toda a sala.</p> <p>Meio: É conhecido por seu trabalho.</p> <p>Tempo: Andou por horas.</p> <p>Preposição “sobre”</p> <p>Assunto: Falaram sobre religião.</p> <p>Posição: Estava sobre a mesa.</p>
---	---

1.2 Significado das conjunções

As conjunções podem estabelecer relações de **coordenação** – quando as duas orações ligadas são independentes; ou **subordinação** – quando uma oração determina ou completa o sentido de outra.

Vamos ver agora quais os sentidos que as conjunções podem assumir em cada um destes casos:

Conjunções coordenativas

<p>Aditivas: Relacionam pensamentos similares.</p> <p>Ex.: e (une duas afirmações) e nem (une duas negações).</p> <p>Ele telefonou e saiu de casa.</p> <p>Ele não telefonou nem saiu de casa.</p>	<p>Conclusivas: Relacionam pensamentos em que o segundo conclui o primeiro.</p> <p>A conjunção "pois" se emprega entre vírgulas.</p> <p>Ex.: consequentemente, logo, pois, por conseguinte, portanto.</p> <p>O carro quebrou; logo, não podemos viajar.</p> <p>Você está atrasado; deve, pois, pedir desculpas.</p>
<p>Adversativas: Relacionam pensamentos opostos.</p> <p>Quando posterior ao verbo, a conjunção vem entre vírgulas.</p> <p>Ex.: contudo, entretanto, mas, no entanto, porém, todavia.</p> <p>Gosto de flores, mas prefiro folhas.</p> <p>Gosto de flores; prefiro, porém, folhas.</p>	<p>Explicativas: Relacionam pensamentos em que a segunda frase explica a primeira.</p> <p>Ex.: pois, porque, que.</p> <p>Espere um pouco que ele não demora.</p>
<p>Alternativas: Relacionam pensamentos excludentes.</p> <p>Ex.: ou, já/já, ora/ora, quer/quer, seja/seja.</p> <p>Vamos à praia ou à piscina?</p> <p>Ora quer ir, ou quer ficar.</p>	

Conjunções subordinativas

<p>Causais: Expressam causa.</p> <p>Ela foi embora, porque estava muito triste.</p> <p>Ex.: como, já que, pois, porque, que, uma vez que.</p>	<p>Consecutivas: Expressam consequência.</p> <p>Era tão alta que não passava na porta.</p> <p>Ex.: de forma que, de maneira que, de modo que, que (relacionado a tal, tão, tanto, tamanho).</p>
<p>Concessivas: Expressam contraste.</p> <p>Vou encontrá-lo, embora ache que não tem mais solução.</p> <p>Ex.: ainda que, embora, posto que, se bem que.</p>	<p>Finalis: Expressam finalidade.</p> <p>Menti para que não brigasse comigo.</p> <p>Ex.: a fim de que, para que, porque, que.</p>
<p>Conacionais: Expressam condição.</p> <p>Irei se puder.</p>	<p>Integrantes: Antecipam uma oração com valor de substantivo.</p> <p>Insisti que ele viesse.</p>

<p>Ex.: caso, desde que, contanto que, se;</p> <p>Conformativas: Expressam conformidade. Resolvi a questão conforme você me ensinou. Ex.: como, conforme, segundo.</p> <p>Comparativas: Expressam comparação. Prata vale menos do que ouro. Ex.: como (relacionado a tal, tão, tanto), como se, do que (relacionado a mais, menos, maior, menor, melhor, pior), que.</p>	<p>Não sei se ele vem.</p> <p>Ex.: que (para orações afirmativas), se (para orações negativas).</p> <p>Proporcionais: Expressam proporção. À medida que andávamos, ficava mais escuro. Ex.: à medida que, à proporção que, ao passo que.</p> <p>Temporais: Expressam tempo. Assim que a vi, me emocionei. Ex.: antes que, apenas, assim que, até que, depois que, logo que, quando, tanto que</p>
--	---

Algumas conjunções podem apresentar mais de um valor, dependendo do contexto. Muitas vezes em exercícios você deverá identificar qual **aspecto uma mesma conjunção** representa e, por vezes, os nomes dos valores serão apresentados serão diferentes. Por isso, não se preocupe tanto em decorar, mas sim em compreender o contexto e interpretá-lo.

Estas são algumas das principais possibilidades de significado e valores das conjunções:

Conjunção	Valores
COMO	<p><u>Adição</u>: Não só é bonito, como é inteligente.</p> <p><u>Causa</u>: Como não sabia português, estudou.</p> <p><u>Comparação</u>: Estudou como um gênio.</p> <p><u>Conformidade</u>: Estudou como o manual mandava.</p>
E	<p><u>Adição</u>: Ele é bonito e inteligente.</p> <p><u>Adversativo</u>: Ele não sabe português e não estuda.</p> <p><u>Conclusivo</u>: Ele estudou português e passou de ano.</p> <p><u>Final</u>: Ele ia estudar e passar na prova.</p>
POIS	<p><u>Adversativo</u>: Está estudando? Pois não vai passar de ano.</p> <p><u>Conclusão</u>: Está estudando, pode, pois, passar de ano.</p> <p><u>Explicação</u>: Preciso estudar, pois não sei a matéria.</p>
PORQUE	<p><u>Causa</u>: Estudei, porque não sabia a matéria.</p> <p><u>Explicação</u>: Porque está a estudar muito, ele não deve saber a matéria.</p>
MAS	<p><u>Adição</u>: Não só é bonito, mas inteligente.</p> <p><u>Adversativo</u>: Estudou muito, mas não passou de ano.</p>

	<p><u>Atenuação:</u> Ia mal na escola, mas disfarçava.</p> <p><u>Compensação:</u> Não saiu com os amigos, mas foi bem na prova.</p> <p><u>Restrição:</u> Estudou, mas apenas para passar de ano.</p> <p><u>Retificação:</u> Matemática é difícil, mas poucos se dedicam ao português.</p>
QUE	<p><u>Adição:</u> Estuda que estuda, mas não passa de ano.</p> <p><u>Adversativo:</u> Preciso estudar, que não essas poucas horas.</p> <p><u>Causa:</u> Prevenido que era, estudou.</p> <p><u>Comparação:</u> Ele estuda mais que os amigos.</p> <p><u>Concessão:</u> Estude uma hora que seja.</p> <p><u>Conjunção Integrante:</u> O importante é que você estude (o importante é isso).</p> <p><u>Consecutiva:</u> Tanto estudou que passou de ano.</p> <p><u>Explicação:</u> Estude, que a prova é amanhã.</p> <p><u>Final:</u> Estudou para que passasse de ano.</p> <p><u>Modo:</u> Sem que percebas, terás aprendido a matéria.</p> <p><u>Tempo:</u> Sempre que estuda, vai bem na prova.</p>
SE	<p><u>Causa:</u> Se você tinha dificuldades, por que não estudou?</p> <p><u>Condição:</u> Se você estudar, irá entender a matéria.</p> <p><u>Concessão:</u> Se não aprendeu tudo, ainda assim passou de ano.</p> <p><u>Conjunção Integrante:</u> Não sei se estudou o suficiente. (se funciona como complemento de estudou: não sei isso.)</p> <p><u>Tempo:</u> Se estuda, supera todos os outros.</p>

Tendo olhado as significações possíveis dos conectivos, vamos em frente, para entendermos as relações nos períodos compostos.

2 O período e sua construção

O **período** é um enunciado composto de uma ou mais oração, ou seja, de construções que contém **um ou mais de um verbo/forma verbal**. Quando contém apenas um verbo, é chamado de **período simples**; quando contém dois ou mais verbos, é chamado de **período composto**.

Aqui, vamos nos debruçar sobre o **período composto**. Ele é estruturado e classificado a partir da relação que as orações estabelecem entre si em dois tipos: **período composto por coordenação** e **período composto por subordinação**.

Três tipos de oração formam um período composto. Eles são divididos de acordo com como se comportam sintaticamente:

- **Oração principal:** não exerce função sintática no período.

- **Oração subordinada:** exerce função sintática no período, assumindo funções como sujeito, objeto, complemento, adjunto etc., **em relação à principal**. Pode também assumir função de adjetivo ou advérbio da oração principal.
- **Oração coordenada:** oração independente sintaticamente, ou seja, não possui orações que se referem a ela de modo a lhe completar o sentido.

2.1 Orações coordenadas

Períodos compostos por coordenação contém **orações coordenadas**, ou seja, **independentes**. São orações que apresentam sentido (tanto sintático quanto semântico) completo em si mesmas, não necessitando de complemento. Além disso, **do ponto de vista sintática**, uma não desempenha função com relação à outra. Elas podem aparecer ligadas uma à outra por meio de um conectivo (conjunções coordenativas) ou sem ele.

Chegamos em casa e encontramos os cachorros dormindo.

Orações do período:

- "Chegamos em casa"
- "Encontramos os cachorros dormindo"

As orações são ligadas pela conjunção "e" e apresentam significação completa, tanto sintática quanto semanticamente. Além disso, entendemos que uma não desempenha nenhuma função sintática com relação à outra.

Além das orações coordenadas que se ligam por meio de conjunção, temos aquelas que se conectam somente por meio da vírgula. Vejamos esse caso:

Chegamos, entramos, dormimos.

Orações do período:

- "Chegamos"
- "entramos"
- "dormimos"

As orações são ligadas por vírgulas e apresentam significação completa, tanto sintática quanto semanticamente. Além disso, entendemos que uma não desempenha nenhuma função sintática com relação à outra.

Um ponto extremamente importante para as relações entre as orações, no caso da coordenação, é a análise da relação **sintática** que uma oração desempenha com relação à outra. Como podemos ter duas orações subordinadas que são coordenadas entre si, não nos adianta olhar somente para a relação **semântica**, mas olhar para as duas. Vejamos esse caso:

Ele me perguntou se iríamos ao cinema e se ele poderia ir.

Orações do período:

- "Ele me perguntou"
- "se iríamos ao cinema"
- "se ele poderia ir"

As orações ligadas pela conjunção "e" desempenham a função sintática de objeto direto da oração principal. Como as duas estão ligadas pela conjunção "e" e desempenham a mesma função, são coordenadas entre si. Note que uma não desempenha função sintática com relação à outra.

Com relação à classificação das coordenadas, é importante que você perceba a existência de conjunção ou não nelas, para que possa fazer a primeira classificação:

As orações coordenadas que não são introduzidas por conjunções coordenativas são chamadas de **orações coordenadas assindéticas**. No caso delas serem introduzidas por conjunção, são chamadas de **orações coordenadas sindéticas**.

Orações coordenadas sindéticas

As orações coordenadas sindéticas são classificadas com a inserção da relação de significado que estabelecem. Assim, sua classificação será a de **"oração coordenada sindética" + relação de significado que estabelece**.

Os alunos chegaram cedo, portanto terão tempo para a prova.

Orações do período:

- "Os alunos chegaram cedo": Nesse caso, como a oração não apresenta conjunção, é classificada como uma oração coordenada assindética.
- "portanto terão tempo para a prova": Nesse caso, como é uma oração introduzida por uma conjunção de valor conclusivo, tal oração será classificada como uma oração coordenada sindética conclusiva.

Veja que, no caso do box acima, o valor da conjunção entra como parte da classificação. Essas classificações serão construídas da seguinte forma:

Aditiva

- Relacionam pensamentos similares. Expressa adição, sequência de fatos ou pensamentos.
- Conjunções: “e”, “não só... mas também”, “nem”, “não... nem”.

Ele entrou em casa **e encontrou-a bagunçada**.

Ela não me liga **nem me atende**.

Não só nos encontramos, **mas também voltamos a namorar**.

As orações em destaque são orações coordenadas sindéticas aditivas.

Com relação às aditivas, é interessante notar que são consideradas como parte da **relação mais comum da língua**, trazendo as noções de significação mais simples, segundo a norma culta. Com relação ao uso das conjunções, destacamos duas ressalvas:

- Evite iniciar períodos com a conjunção “e”, considerada muito “curta” para essa posição por boa parte dos gramáticos. Assim, ao escrever, pode ser que um corretor mais chatinho penalize o uso.
- A conjunção “nem” não pode vir com o “e” diante de si, dado que ela já significa “e não”. Além disso, é interessante que você tome cuidado para não confundir o “nem” que se conecta ao “não” com o “nem... nem”, considerada uma alternativa.

Adversativa

- Relacionam pensamentos opostos. Expressam uma ressalva, uma oposição ou, ainda, um contraste.
- As conjunções, quando posteriores ao verbo, devem vir isoladas por vírgulas.
- Conjunções: “contudo”, “entretanto”, “mas”, “no entanto”, “porém”, “todavia”.

Sempre gostei demais de você, **mas anda complicado esse amor**.

Não aguento mais estudar, **entretanto isso é necessário**.

Quero me encontrar com você; **não podemos, contudo, demorar muito**.

As orações em destaque são orações coordenadas sindéticas adversativas.

Alternativas

- Relacionam pensamentos excludentes. Expressam alternância ou exclusão. A noção de excludência se aplica à alternância, dado que, enquanto uma ação ocorre, a outra não ocorrerá.
- Conjunções: "ou", "já/já", "ora/ora", "quer/quer", "nem/nem", "seja/seja".

Ele estudará durante todo o dia **ou não poderá encontrar a namoradinha**.

Esse menino não se decide: **ora quer estudar, ora quer sair**.

As orações em destaque são orações coordenadas sindéticas alternativas.

As conjunções "duplas", que encontramos acima, são chamadas de "correlativas" e devem aparecer com seu respectivo par, evitando, assim, a quebra de paralelismo sintático. Isso significa que, se você usar o "quer" na primeira oração, na segunda deverá usar o "quer", assim como em todas as outras conjunções. Vejamos:

Eu entrarei nessa universidade, quer você queira ou não. (Errado)

Eu entrarei nessa universidade, quer você queira, quer não. (Correto)

Fiquem atentos a esse uso, dado que temos um problema bastante comum com influência da oralidade nesse caso.

Conclusivas

- Relacionam pensamentos em que a segunda ideia conclui, de forma lógica, a primeira ideia.
- Conjunções: "logo", "pois" (posposto ao verbo), "por conseguinte", portanto.

Eles pagaram o salário; **poderemos, pois, pagar as contas**.

Estávamos atrasados, **portanto tivemos menos tempo para a prova**.

As orações em destaque são orações coordenadas sindéticas conclusivas.

Perceba que, nos exemplos, há uma relação lógica entre as duas ideias, não sendo a segunda uma explicação da primeira, mas uma conclusão que a lógica nos permite. Se assemelha muito, se você notar, aos pensamentos sofistas da filosofia:

Sócrates é homem.

Todo homem é mortal.

Logo, Sócrates é mortal.

Explicativas

- Relacionam pensamentos em que a segunda oração explica a primeira. Expressa, portanto, um motivo ou, como o nome propõe, uma explicação.
- Conjunções: "pois", "porque", "que".

Espera aí fora, **que logo eu entrego a comida.**
O carro quebrou, **porque está parado na porta da oficina.**

As orações em destaque são orações coordenadas sindéticas explicativas.

Orações coordenadas assindéticas

As orações coordenadas assindéticas são separadas por pausas. No texto escrito, essas pausas são marcadas por **vírgula**, **ponto e vírgula** ou **dois pontos**.

- O sol saiu, o dia estava bonito.

As orações não são ligadas por conjunção, mas por vírgula.

- Cinco pessoas foram a favor da mudança; duas foram contra.

As orações não são ligadas por conjunção, mas por ponto e vírgula. Normalmente, essa pausa mais longa serve para apresentar uma relação inferida de significação entre as duas orações, ainda que não utilizando conjunção.

- Toquei seu rosto: estava frio.

As orações não são ligadas por conjunção, mas por dois pontos.

2.2 Orações subordinadas

Períodos compostos por subordinação contém **oração principal** e **oração subordinada**. A oração principal é independente e a subordinada se relaciona com ela sintaticamente. Há três tipos de oração subordinada, cada uma assumindo funções ligadas a uma classe gramatical diferente: **substantivas, adjetivas e adverbiais**.

Imploro **que desistas**.

Orações que compõem o período:

- "Imploro" = Oração principal
- "que desistas" = Oração subordinada **substantiva**

A oração "que desistas" tem função de objeto direto.

Essa é a verdade **que ninguém conta**.

Orações que compõem o período:

- "Essa é a verdade" = Oração principal
- "que ninguém conta" = Oração subordinada **adjetiva**

A oração "que ninguém conta" tem função de adjunto adnominal (caracteriza "a verdade").

Não comprou nada porque estava sem dinheiro.

Orações que compõem o período:

- "Não comprou nada" = Oração principal
- "porque estava sem dinheiro" = Oração subordinada adverbial

A oração "porque estava sem dinheiro" tem função de adverbial de causa.

Orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas **equivalem a substantivos**. Exercem em relação à oração principal funções próprias de substantivos: sujeito, predicado, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e aposto.

Quando são iniciadas por **conjunções integrantes ("que" e "se")** são classificadas como orações desenvolvidas (que sempre vêm iniciadas por conjunções integrantes). Se não apresentarem conjunções, são classificadas como **reduzidas**, apresentando o verbo em uma das três formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio).

Modernamente, os gramáticos aceitam a construção das substantivas como reduzidas somente em casos de infinitivo, ainda que a tradição reconheça a possibilidade de outras reduções. Essas, quando acontecem, são encaradas como exceções e não mais como possibilidades constantes e comuns.

Tais orações, as substantivas, são classificadas conforme a função sintática que desempenham. É interessante percebermos que a análise sintática é essencial para esse tipo de oração também. Assim, entendemos que um bom conhecimento da sintaxe da oração, aquela que muitos chamam de "sintaxe do período simples", é essencial para essa relação de período composto por subordinação substantiva.

Muitos professores indicam a ideia de substituição da oração pelo pronome "isso". Esse é um teste válido, chamado "pronominalização", mas que não deve substituir completamente o conhecimento. **Testes não são a solução**, são uma forma de confirmação. Pense assim!

Subjetiva

- Quando uma oração exerce a função de sujeito, é chamada de **oração subordinada substantiva subjetiva**.
- Ex.: É certo que ela chega hoje. (= **Isso** é certo.)

Predicativa

- Quando uma oração exerce a função de predicativo, é chamada de **oração subordinada substantiva predicativa**. Atenção para a necessidade do **verbo de ligação** para essa relação.
- Ex.: A verdade é que estamos perdidos. (= A verdade é **isso**.)

Objetiva direta

- Quando uma oração exerce a função de objeto direto, é chamada de **oração subordinada substantiva objetiva direta**.
- Ex.: Entendi que deveria ficar quieto. (= Entendi **isso**.)

Objetiva indireta

- Quando uma oração exerce a função de objeto indireto, é chamada de **oração subordinada substantiva objetiva indireta**.
- Ex.: Não me arrependi do que falei. (= Não me arrependi **disso**.)

Completiva nominal

- Quando uma oração exerce a função de complemento nominal, é chamada de **oração subordinada substantiva completiva nominal**.
- Ex.: Ela tem medo de que você vá embora. (Ela tem vontade **disso**.)

Apositiva

- Quando uma oração exerce a função de aposto, é chamada de **oração subordinada substantiva apositiva**.
- Ex.: Só peço uma coisa: que você seja honesto.

Há muitas particularidades com relação a esse tipo de oração, com muitas especificações. Essas especificidades estão em nossas aulas em vídeo, para que vocês possam entender melhor com exemplificação e profundidade de explicação, assista às aulas como complementação de nosso estudo.

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas **equivalem a adjetivos**. Exercem, quando são restritivas, em relação à oração principal a função de **adjunto adnominal de algum substantivo ou pronome** da oração principal. Não se preocupe tanto com a função sintática, dado que não é uma cobrança constante.

Elas podem ser de dois tipos: **restritivas** e **explicativas**, relação semântica que deve ser entendida a partir das relações semânticas entre a subordinada e o nome modificado. Quando há uma construção que se sustenta sobre a noção de determinação, separação do conjunto maior, é uma **restritiva**. Quando, porém, é somente um comentário sobre o nome em questão, é classificada como **explicativa**.

Restritiva

- Quando restringe ou limita o significado do termo a que se refere, a oração é classificada como **oração subordinada adjetiva restritiva**.
- Ex.: Você é a pessoa que mais gostei na vida. (= De todas as pessoas que gostei na vida, me refiro a uma em especial)

Explicativa

- Quando acrescenta qualidades ou esclarece melhor o significado do termo a que se refere, a oração é classificada como **oração subordinada adjetiva explicativa**.
- Ex.: Eu, que era muito indecisa, não consegui escolher a sobremesa. (= Um dado novo é adicionado a "eu", explicando-o.)

É importante que você não caia na armadilha de classificar a explicativa, por conta das vírgulas, como um aposto. No caso da norma culta, os apostos são considerados uma função essencialmente substantiva e não adjetiva. Logo, essa oração não pode ser classificada como um aposto.

É interessante, ainda, notar que, quando são desenvolvidas, essas orações são introduzidas por um pronome relativo, que apresenta função sintática dentro da oração que introduz. Ou seja, diferente do que acontece com as conjunções, os pronomes relativos são classificados sintaticamente dentro das orações adjetivas. Nunca se esqueça dessa ideia.

Uma das formas de auxílio para a classificação dessas orações, quanto à semântica, é reparar na existência, ou não, da vírgula. As **restritivas** nunca vêm com vírgulas, dado que são modificadoras com noção de adjuntos adnominais, que rejeitam a vírgula. No caso das **explicativas**, no caso, há isolamento por vírgula(s).

Essa, como dito, é uma dica para a construção, não substituindo a leitura atenta do contexto e a relação entre a oração e o nome modificado. O uso das vírgulas, inclusive, deve ser muito observado na hora da sua produção de texto, porque notamos que há modificação argumentativa a depender do que se coloca como oração adjetiva. Muito cuidado na hora de escrever.

Orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais **equivalem a advérbios**. Exercem em relação à oração principal a função de **adjunto adverbial do verbo da oração principal**.

Esse tipo de oração costuma ser iniciado por **conjunções subordinativas**. As orações subordinadas adverbiais são classificadas a partir do nome da conjunção que as antecede, que necessariamente se relacionarão com os significados estabelecidos entre as duas orações. Cuidado com a ideia de que há conjunções sempre ligadas a uma só classificação, dado que, como vimos no começo desta nossa aula, há muitas conjunções que se aplicam a leituras diferentes, dependendo da construção semântica.

Causais

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime causa, é chamada de **oração subordinada adverbial causais**.
- Conjunções: como, já que, pois, porque, que, uma vez que.
- Ex.: Ela foi embora, **porque** estava muito triste.

Comparativas

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime comparação, é chamada de **oração subordinada adverbial comparativa**.
- Conjunções: como (relacionado a tal, tão, tanto), como se, do que (relacionado a mais, menos, maior, menor, melhor, pior), que.
- Ex.: Prata vale menos **do que** ouro.

Concessivas

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime contraste, é chamada de oração subordinada adverbial concessiva.
- Conjunções: ainda que, embora, posto que, se bem que.
- Ex.: Vou encontra-lo, **embora** ache que não tem mais solução.

Condicionais

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime condição, é chamada de oração subordinada adverbial condicional.
- Conjunções: caso, desde que, contanto que, se.
- Ex.: Irei **se** puder.

Conformativas

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime conformidade, é chamada de oração subordinada adverbial conformativa.
- Conjunções: como, conforme, segundo.
- Ex.: Resolvi a questão **conforme** você me ensinou.

Consecutivas

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime consequência, é chamada de oração subordinada adverbial consecutiva.
- Conjunções: de forma que, de maneira que, de modo que, que (relacionado a tal, tão, tanto, tamanho).
- Ex.: Era **tão** alta **que** não passava na porta.

Finais

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime finalidade, é chamada de oração subordinada adverbial final.
- Conjunções: a fim de que, para que, porque, que.
- Ex.: Menti para que não brigasse comigo.

Proporcionais

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime proporção, é chamada de oração subordinada adverbial proporcionais.
- Conjunções: à medida que, à proporção que, ao passo que.
- Ex.: À medida que andávamos, ficava mais escuro.

Temporal

- Quando uma oração se inicia com conjunção que exprime tempo, é chamada de oração subordinada adverbial temporal.
- Conjunções: antes que, apenas, assim que, até que, depois que, logo que, quando, tanto que
- Ex.: Assim que a vi, me emocionei

3 Questões

Texto para as questões 1 e 2:

Pichação-arte é pixação?

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar

de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pixação? **Revista Arruaça**, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>> Acesso em: maio 2018.

1. (ITA/2019)

Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de causa.

- a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.
- b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.
- c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.

- d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.
- e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status.

2. Assinale a alternativa cujo trecho sublinhado denota uma condição.

- a) [...] trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência?
- b) [...] ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico.
- c) Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões - ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima [...]
- d) Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética.
- e) "Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas" [...]

3. (ITA/2017)



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQAZ78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg.
(Acesso em 12/05/2016)

Os dois primeiros quadros da tirinha criam no leitor uma expectativa de desfecho que não se concretiza, gerando daí o efeito de humor. Nesse contexto, a conjunção **e** estabelece a relação de

- a) conclusão.
- b) explicação.
- c) oposição.
- d) consequência.
- e) alternância.

4. (ITA/2012)

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria "gente diferenciada" ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, 2a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, 3a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Justes Lores. **Folha de S. Paulo**, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, ou Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.

Em sentido amplo, a relação de causa e efeito nem sempre é estabelecida por conectores (porque, visto que, já que, pois etc.). Outros recursos também são usados para atribuir relação de causa e efeito entre dois ou mais segmentos. Isso ocorre nas opções abaixo, exceto em

- a) [...] a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro.
- b) [...] a escuridão afugenta pessoas à noite [...].
- c) A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área [...].

d) Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica [...].

e) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

5. (ITA/2012)

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste

tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

Considere as seguintes afirmações relativas a aspectos sintático-semânticos do texto:

- I. A chamada “perdi 20 quilos só comendo linhaça” foi interpretada como “perdi 20 quilos comendo só linhaça”.
- II. Nos dois últimos parágrafos, há recorrência de períodos fragmentados em que faltam as orações principais.
- III. Devido à estrutura da frase “Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas”, o segundo período ficaria melhor se fosse assim: “sem se importassem com marcas”.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I.
- b) I e II.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

6. (ITA/2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro **que** a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um

sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, **que** o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas **que** só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro **que** há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos **que** 50% - o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade - caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia -, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora - o nosso meio ambiente urbano - dizem que é muito perigoso.

Assinale a opção em que o termo grifado **NÃO** indica a circunstância mencionada entre parênteses.

- a) [...] pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. (Causa)
- b) Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. (Tempo)
- c) [...] apesar de ser a saída mais utilizada pela população [...]. (Concessão)
- d) Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, [...]. (Tempo)
- e) [...] porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso. (Causa)

7. (ITA/2010 adaptada)

Indique a opção em que o **MAS** tem função aditiva.

- a) Atenção: na minha coluna não usei “careta” como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, **mas** humano, aberto, atento, cuidadoso.
- b) Não apenas no sentido econômico, **mas** emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.
- c) Não solto, não desorientado e desamparado, **mas** amado com verdade e sensatez.
- d) [...] (não me refiro a nomes importantes, **mas** a seres humanos confiáveis) [...].
- e) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, **mas** o pai e a mãe – se tiverem cacife.

8. (ITA/2009)

A vegetação do cerrado é influenciada pelas características do solo e do clima, bem como pela frequência de incêndios. O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo, o que diminui a disponibilidade de nutrientes e o torna tóxico para plantas não adaptadas. A hipótese do escleromorfismo oligotrófico defende que a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.

Além disso, a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade) tem efeito sobre a quantidade de nutrientes e o nível tóxico do solo. Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.

Já outra hipótese propõe que o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

Quando a frequência de incêndios é muito elevada, a parte aérea (galhos e folhas) do vegetal pode não se desenvolver e ele se torna uma planta anã. Pode-se dizer, então, que a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

(André Stella e Isabel Figueiredo. **Ciência hoje**, março/2008, adaptado.)

Considere o trecho abaixo:

“Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.” (3º parágrafo)

Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- I. nem todas as células produzem novos galhos.
- II. algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- III. todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas a II.
- d) apenas a III.
- e) todas.

9. (ITA/2009)

As relações de causalidade são estabelecidas no texto, entre outros recursos, pelos verbos. Assinale a opção em que o sujeito e o complemento do verbo NÃO correspondem, respectivamente, à ordem causa-consequência:

- a) O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo [...].
- b) [...] a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.
- c) Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.
- d) [...] o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios.
- e) [...] a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

10. (ITA/2008)

Observe o emprego da partícula **se**, em destaque, nos excertos abaixo:

- I. **Se** no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se movendo num campo de amplas dimensões. (linhas 09 e 10)
- II. **Se** é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua

percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. (linhas 10 a 13)

III. De fato, **se** o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si. (linhas 50 e 51)

A partícula *se* estabelece uma relação de implicação em

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

11. (ITA/2008)

¹Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

⁵E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se ¹⁰movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências ¹⁵imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre ²⁰o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que ²⁵seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ³⁰ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia

para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto ³⁵do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia ⁴⁰para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: ⁴⁵treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores ⁵⁰das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcava o time. O médico da equipe, depois de atender o ⁵⁵jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: **Folha de S. Paulo**, 24/06/2007.)

No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** (linha 48) estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de

- a) restrição.
- b) adversidade.
- c) atenuação.
- d) adição.
- e) retificação.

12. (ITA/2002)

Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O **que**, empregado como conectivo, introduz uma oração:

- a) substantiva.
- b) adverbial causal.
- c) adverbial consecutiva.

- d) adjetiva explicativa.
- e) adjetiva restritiva.

13. (IME/2011 adaptada)

Assinale a alternativa em que a análise da relação de sentido expressa pelo elo coesivo destacado em negrito está **EQUIVOCADA**.

- a) "O resultado será o mesmo em qualquer mensuração, **desde que** se use um relógio preciso".

Relação de condição: apresenta uma condição relativamente ao que se afirma na oração anterior.

- b) "O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. **Entretanto**, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo".

Relação de oposição: apresenta uma argumentação contrária ao que foi dito antes.

- c) "**Ainda que** nossas noções, aparentemente comuns, funcionem a contento quando lidamos com maçãs ou planetas, que se deslocam comparativamente mais devagar, não funcionam absolutamente para objetos que se movam à velocidade da luz, ou em velocidade próxima a ela".

Relação de concessão: introduz uma ideia de quebra de uma expectativa em relação ao que se espera.

- d) "Ele mostrou que o conceito de éter era desnecessário, **uma vez que** se estava querendo abandonar o de tempo absoluto".

Ligação de alternância: introduz uma oração cujo conteúdo exclui o conteúdo da outra.

- e) "Como não há força atuando sobre o corpo, a sua velocidade não aumenta, nem diminui, nem muda de direção. **Portanto** o único movimento possível do corpo na ausência de qualquer força atuando sobre ele é o *movimento retilíneo uniforme*".

Ligação conclusiva: introduz uma conclusão relativamente ao enunciado anterior.

14. (FGV/2018)

Quando você significa eu

Outro dia, deitado no divã em uma seção de análise, descrevi meus sentimentos. "Quando sobe a raiva, você perde a capacidade de ser generoso." Antes de terminar a frase, eu me dei conta de que tinha usado "você", apesar de estar descrevendo um comportamento meu. Instintivamente repeti a frase. "Quando sobe a raiva, eu perco a capacidade de ser generoso."

Não me senti bem. Não era o que eu queria expressar. O que seria esse estranho "você" que havia usado falando de mim, e seguramente não me referindo a ele, meu analista, que era o único na sala? Como você sabe, o "você" normal é usado como nessa frase, para se referir ao interlocutor. Descobri que esse estranho "você" é o chamado "você" genérico e pode significar muitas coisas, entre elas "eu e toda a humanidade". O que eu queria dizer era o seguinte: "Quando sobe a raiva, eu e toda a humanidade

perdemos a capacidade de sermos generosos." Ao usar o "você" genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa.

Imagine qual não foi minha surpresa ao me deparar com um estudo que investiga exatamente em que condições as pessoas usam esse "você" genérico. O prazer é grande quando você (o prazer é meu, mas estou usando o "você" genérico para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer) lê sobre algo que já observou.

Fernando Reinach, **O Estado de S. Paulo**, 08/04/2017.

A oração "Ao usar o 'você' genérico" (final do segundo parágrafo) expressa ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) tempo.
- d) condição.
- e) finalidade.

15. (UNESP/2018)

Leia o excerto do "Sermão do bom ladrão", de Antônio Vieira (1608-1697).

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: "Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?". Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não puguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das

províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(*Essencial*, 2011.)

“Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de

- a) condição.
- b) proporção.
- c) finalidade.
- d) causa.
- e) consequência.

16. (INSPER/2018)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo *Estado* dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.

d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.

e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

17. (UERJ/2018)

“Se a rosa é uma rosa, a pedra deveria ser uma pedra.”

O trecho sublinhado se articula com o anterior expressando valor de:

- a) conclusão
- b) finalidade
- c) proporção
- d) conformidade

18. (UNESP/2017)

Leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior.*

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha

e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(*Fala, amendoeira*, 2012.)

“Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, **mesmo que tenha aparecido**, já é pó no pó.” (2º parágrafo)

Em relação ao período do qual faz parte, a oração destacada exprime ideia de

- a) comparação.
- b) concessão.
- c) consequência.
- d) conclusão.
- e) causa.

19. (UFJF-MG/2017)

Além disso, parte dos participantes teve sua atividade cerebral medida através de ressonância magnética funcional.

Assim, foi observado que a resposta da amígdala, uma região do cérebro na qual se processam as reações emocionais, era mais intensa na primeira vez que os participantes enganavam seus companheiros.

Os termos em destaque, nos trechos acima, estabelecem relação de:

- a) complementação e de conclusão de raciocínio.
- b) continuidade e de inversão de raciocínio.

- c) conclusão e de adição de informação.
- d) complementação e de causalidade.
- e) causalidade e de conclusão.

20. (FGV/2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

- Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

- Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. *A Legião Estrangeira*, 1964. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” forma uma expressão indicativa de causa.

- a) ... por que Alice viera atrasada e **de** olhos vermelhos.
- b) ... e insistia com os olhos cheios **de** lágrimas.
- c) - Sua gorda! disse Alice de repente, branca **de** raiva.
- d) ... pegou o garfo e enfiou-o no pescoço **de** Alice.
- e) Mas a gorda, mesmo depois **de** ter feito o gesto...

21. (FGV/2017)

Pobres precisam de banheiro, não de celular, diz BM

¹ As famílias mais pobres do mundo estão mais propensas a terem telefones ² celulares do que banheiros ou água limpa.

³ Segundo relatório do Banco Mundial, intitulado "Dividendos Digitais", o número ⁴ de usuários de internet mais que triplicou em uma década, para 3,2 bilhões no final ⁵ do ano passado, representando mais de 40 por cento da população mundial.

⁶ Embora a expansão da internet e de outras tecnologias digitais tenha facilitado ⁷ a comunicação e promovido um senso de comunidade global, ela não ofereceu o ⁸ enorme aumento de produtividade que muitos esperavam, disse o Banco. Ela também ⁹ não melhorou as oportunidades para as pessoas mais pobres do mundo, nem ajudou ¹⁰ a propagar a "governança responsável".

¹¹ "Os benefícios totais da transformação da informação e comunicação somente se ¹² tornarão realidade se os países continuarem a melhorar seu clima de negócios, ¹³ investirem na educação e saúde de sua população e proverem a boa governança. Nos ¹⁴ países em que esses fundamentos são fracos, as tecnologias digitais não impulsionam ¹⁵ a produtividade nem reduzem a desigualdade", afirmou o relatório.

¹⁶ A visão do Banco Mundial contrasta com o otimismo dos empreendedores da ¹⁷ tecnologia, como Mark Zuckerberg e Bill Gates, que têm argumentado que o acesso ¹⁸ universal à internet é essencial para eliminar a pobreza extrema.

¹⁹ "Quando as pessoas têm acesso às ferramentas e ao conhecimento da internet, ²⁰ elas têm acesso a oportunidades que tornam a vida melhor para todos nós", diz uma ²¹ declaração do ano passado assinada, entre outros, por Zuckerberg e Gates.

²² Segundo o Banco Mundial, conectar o mundo "é essencial, mas está longe de ser ²³ suficiente" para eliminar a pobreza.

<http://exame.abril.com.br> 14//01/2016. Adaptado.

No trecho "é essencial, mas está longe de ser suficiente" (Refs. 22-23), a palavra sublinhada poderia ser corretamente substituída por

- a) porquanto.
- b) posto que.
- c) conquanto.
- d) não obstante.
- e) por conseguinte.

22. (UNESP/2017)

Leia o trecho extraído do artigo "Cosmologia, 100", de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira.

"Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa." A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do

poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria.

Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s).

Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

(Folha de S.Paulo, 01.01.2017. Adaptado.)

Em “O Universo **que saltou dos cálculos de Einstein** tinha três características básicas [...]” (4º parágrafo), a oração destacada encerra sentido de

- a) consequência.
- b) explicação.
- c) causa.
- d) restrição.
- e) conclusão.

23. (UNIFESP/2016)

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. **Essencial**, 2011.)

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (1º parágrafo) Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.

- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

24. (UNIFESP/2016)

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista Senhor em 1962.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendome talvez como a justiça que se vinga. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. **Para não esquecer**, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acusado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

“O décimo terceiro tiro me assassina – **porque eu sou o outro.**” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.
- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.

25. (UNESP/2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.).

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

¹ doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“**Como seria morto**, rogou à doninha que poupasse sua vida.” (1º parágrafo)

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) proporção.
- b) comparação.
- c) consequência.
- d) causa.
- e) finalidade.

26. (UNESP/2014)

Considere o poema satírico do poeta português João de Deus (1830-1896).

Ossos do ofício

Uma vez uma besta do tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto

Se lhe agarra ao cabresto.
Ela reguinga, dá uma sacada
Já cuidando
Que desfazia o bando;
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoadada,
Ah! que exclamava enfim
A besta oficial:
– Nunca imaginei tal!
Tratada assim
Uma besta real!...
Mas aquela que vinha atrás de mim,
Por que a não tratais mal?

“Minha amiga, cá vou no meu sossego,
Tu tens um belo emprego!
Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!
Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!
Ossos do ofício, que o não há sem ossos.”

(Campo de flores, s/d.)

Na terceira estrofe, com relação à oração principal do período de que faz parte, a oração *que exclamava enfim* expressa

- a) causa.
- b) consequência.
- c) finalidade.
- d) condição.
- e) negação.

27. (FGV/2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo
(Ferreira Gullar, **Muitas vozes**)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.^a estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.^a estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.

28. (UNESP/2014)

Quando entrava no cinema era reconhecido.

A língua portuguesa aceita muitas variações na ordem dos termos na oração e no período, desde que não causem a desestruturação sintática e a perturbação ou quebra do sentido.

Assinale a alternativa em que a reordenação dos elementos não altera a estrutura do período em destaque e mantém o mesmo sentido.



- a) Quando era no reconhecido cinema entrava.
- b) Era reconhecido quando entrava no cinema.
- c) Entrava quando no cinema era reconhecido.
- d) Quando era reconhecido entrava no cinema.
- e) Entrava reconhecido quando era no cinema.

29. (UNESP/2014)

No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas.

Segundo o contexto, a imagem como se tivesse perdido as duas pernas revela, com grande expressividade e força emocional,

- a) sensação de estar sendo injustiçado pela torcida.
- b) certeza de que ainda era melhor jogador que o novato.
- c) sentimento de impotência ante a situação.
- d) vontade de trocar o futebol por outra profissão.
- e) receio de sofrer novas contusões e ficar incapacitado.

30. (UNESP/2013)

Leia um fragmento da crônica Letra de canção e poesia, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um

poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora,



também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S.Paulo, 16.06.2007.)

Para que a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.

No período em destaque, a oração **Para que a julguemos boa** indica, em relação à oração principal,

- a) comparação.
- b) concessão.
- c) finalidade.
- d) tempo.
- e) proporção.

31. (UNESP/2014)

Leia o fragmento de um romance de Érico Veríssimo (1905-1975).

O defunto dominava a casa com a sua presença enorme. Anoitecia, e os homens que cercavam o morto ali na sala ainda não se haviam habituado ao seu silêncio espesso.

Fazia um calor opressivo. Do quarto contíguo vinham soluços sem choro. Pareciam pedaços arrancados dum grito de dor único e descomunal, davam uma impressão de dilaceramento, de agonia sincopada.

As velas ardiam e o cheiro da cera derretida se casava com o perfume adocicado das flores que cobriam o caixão. A mistura enjoativa inundava o ar como uma emanção mesma do defunto, entrava pelas narinas dos vivos e lhes dava a sensação desconfortante duma comunhão com a morte.

O velho calvo que estava a um canto da sala, voltou a cabeça para o militar a seu lado e cochichou:



– Está fazendo falta aqui é o Tico, capitão.

O oficial ainda não conhecia o Tico. Era novo na cidade. Então o velho explicou. O Tico era um sujeito que sabia animar os velórios, contava histórias, tinha um jeito especial de levar a conversa, deixando todo o mundo à vontade. Sem o Tico era o diabo... Por onde andaria aquela alma?

Entrou um homem magro, alto, de preto. Cumprimentou com um aceno discreto de cabeça, caminhou devagarinho até o cadáver e ergueu o lenço branco que lhe cobria o rosto. Por alguns segundos fitou na cara morta os olhos tristes. Depois deixou cair o lenço, afastou-se enxugando as lágrimas com as costas das mãos e entrou no quarto vizinho.

O velho calvo suspirou.

– Pouca gente...

O militar passou o lenço pela testa suada.

– Muito pouca. E o calor está brabo.

– E ainda é cedo.

O capitão tirou o relógio: faltava um quarto para as oito.

(Um lugar ao sol, 1978.)

A oração **como uma emanção mesma do defunto** sugere que

- a) a alma do defunto ainda pairava sobre o corpo.
- b) o odor do defunto era mais enjoativo que o das flores.
- c) todos os odores pareciam provir do cadáver.
- d) as pessoas confundiam seu próprio suor com os odores da sala.
- e) o falecido apresentava um odor muito desagradável.

32. (UNESP/2010)

Considere o poema do parnasiano brasileiro Julio César da Silva (1872-1936):

Arte suprema

Tal como Pigmalião, a minha ideia

Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;

E ante os meus olhos e a vaidade fátua

Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;

Digo-lhe: "Fala!", ao ver em cada veia

Sangue rubro, que a cora e aformoseia...



E a estátua não falou, porque era estátua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não é que eu digo ao verso: “Fala!”
E ele fala-me sempre, porque é verso.

(Júlio César da Silva. **Arte de amar**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.)

Aponte a alternativa que indica o número do verso em que aparecem dois adjetivos ligados por um conectivo aditivo:

- a) Verso 3.
- b) Verso 4.
- c) Verso 5.
- d) Verso 7.
- e) Verso 11.

Entre as várias técnicas do yoga, os exercícios respiratórios (Pránayáma) parecem ser os que exercem maior influência nos estados de humor, justamente pela notória relação das emoções com a respiração. A regulação respiratória depende de uma série de mecanismos involuntários, podendo ser realizada sem a interferência do controle voluntário. Assim, as características da respiração se ajustam de acordo com as emoções. Entretanto, é possível alterar voluntariamente seu ritmo, frequência e profundidade. As técnicas respiratórias orientam justamente esse controle voluntário, exercendo influência em mecanismos involuntários que regulam a respiração e o sistema cardiovascular, podendo modular a interação entre sistema nervoso simpático e parassimpático e, conseqüentemente, o eixo HPHPA. Esses exercícios ativam o sistema nervoso autônomo com a finalidade de inibir o sistema simpático e estimular o sistema parassimpático.

Com a prática dos exercícios propostos pelo yoga, os quimiorreceptores sensíveis à elevação de CO₂, localizados no centro respiratório do cérebro (no tronco cerebral), começam a responder menos a esse aumento durante a expiração, de modo que o indivíduo consegue expirar mais prolongadamente, reduzindo a frequência cardíaca. As técnicas têm como finalidade prolongar a expiração e valorizar a retenção de ar. Esse princípio conduz a um treinamento tão forte do SNA que ocorre um aumento das variações da frequência cardíaca, mesmo quando o indivíduo não está praticando, pois o padrão respiratório involuntário é profundamente alterado. Essas pesquisas talvez expliquem por que os praticantes de ioga sejam menos propensos a desenvolver



transtornos de ansiedade e de humor e respondam melhor às alterações emocionais negativas.

Uol, setembro de 2009. Disponível em: <
http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/a_ciencia_da_ioga.html> Acesso em 01 mai.2019.

33. INÉDITA - Celina Gil

Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa ideia de consequência:

- a) "(...) mesmo quando o indivíduo não está praticando, pois o padrão respiratório involuntário é profundamente alterado"
- b) "(...) começam a responder menos a esse aumento durante a expiração, de modo que o indivíduo consegue expirar mais prolongadamente, reduzindo a frequência cardíaca"
- c) "Com a prática dos exercícios propostos pelo yoga, os quimiorreceptores sensíveis à elevação de CO₂"
- d) "Esses exercícios ativam o sistema nervoso autônomo com a finalidade de inibir o sistema simpático e estimular o sistema parassimpático."
- e) "Essas pesquisas talvez expliquem por que os praticantes de ioga sejam menos propensos a desenvolver transtornos de ansiedade."

Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros. Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo quando começam a ler sobre estes gigantes (nem todos) da Era Mesozóica. Neste mês, senti um misto de nostalgia e de felicidade ao me deparar com relançamento do famoso álbum do extinto chocolate Surpresa. Em minha infância, colecionando os cards que continham informações dos animais no verso, pude retornar ao tempo pela primeira vez. Nem todos os cards retratavam dinossauros, havia um pterossauro, um lepidossauro, um ictiosauro e até mesmo um sinapsídeo. É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente de dinossauros todas estas linhagens distintas. Cabe aos professores de Paleontologia colocar "cada dinossauro no seu galho". E cabe aos mesmos ensinar sobre uma das mais conhecidas divisões dentro de uma linhagem de organismos. Tradicionalmente, os dinossauros são divididos em dois grupos: os ornitíscios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis, e os sauríscios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves, sendo estes últimos divididos em sauríscios saurópodes (Saurischia Sauropodomorpha), herbívoros, e sauríscios terópodes (Saurischia Theropoda), carnívoros.

No entanto, há poucos dias, três pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Museu de História Natural de Londres propuseram, em um artigo da revista Nature, uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros. Como contam em seu artigo, desde 1887 já são reconhecidas as linhagens Ornithischia e Saurischia. Desde antes de que a própria linhagem Dinosauria fosse proposta, o que aconteceu em 1974, com a junção daquelas duas linhagens. Como se vê, por mais de um século, os paleontólogos consideram os ornitíscios e os sauríscios como representantes de linhagens distintas. Este se tornou um dogma da Paleontologia. Na opinião dos autores



do artigo, muitas análises filogenéticas foram feitas ao longo dos anos sem dar a devida atenção a possibilidade de que a clássica divisão da linhagem Dinosauria pudesse estar equivocada. Através de um levantamento muito completo de inúmeros caracteres de dinossauros basais (tanto de saurísquios quanto de ornitísquios) e de representantes dos Dinosaurophormas (grupo-irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros), os autores propõem uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinosauria. É a derrocada de um dogma centenário! [...]

Rafael Faria, Dinossauros e Dogmas In: **PaleoMundo**, 11/04/2017. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2017/04/11/dinossauros-e-dogmas/>> Acesso em 02 mai.2019.

34. INÉDITA - Celina Gil

Assinale a única alternativa em que o termo destacado não pode ser considerado uma oração subordinada adjetiva:

- a) “os ornitísquios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis.”
- b) “e os saurísquios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves.”
- c) “(...) uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros.”
- d) “grupo-irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros”
- e) “É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente (...).”

Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro.

Alguém que entrava no gabinete veio arrancar a formosa pensativa à sua longa meditação. Era D. Firmina Mascarenhas, a senhora que exercia junto de Aurélia o ofício de guarda-moça.

A viúva aproximou-se da conversadeira para estalar um beijo na face da menina, que só nessa ocasião acordou da profunda distração em que estava absorta.

Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento; e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.

Entretanto D. Firmina, acomodando a sua gordura semissecular em uma das vastas cadeiras de braços que ficavam ao lado da conversadeira, dispunha-se a esperar pelo almoço.

- Está fatigada de ontem? Perguntou a viúva com expressão de afetada ternura que exigia seu cargo.

- Nem por isso; mas sinto-me lânguida; há de ser o calor, respondeu a moça para dar uma razão qualquer de sua atitude pensativa.



Estes bailes que acabam tão tarde não devem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela. Ora, ontem, quando serviram a ceia pouco faltava para tocar matinas em Santa Teresa. Se a primeira quadrilha começou com o toque do Aragão!... Havia muita confusão; o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!...

D. Firmina continuou por aí além a descrever suas impressões do baile de véspera, sem tirar os olhos do semblante de Aurélia, onde espiava o efeito de suas palavras, pronta a desdizer-se de qualquer observação, ao menor indício de contrariedade.

Deixou-a a moça falar, desejosa de desprender-se e embalar-se ao rumor dessa voz que ouvia, sem compreender. Sabia que a viúva conversava acerca do baile; mas não acompanhava o que ela dizia.

(José de Alencar, **Senhora**, 2013, p. 40)

35. INÉDITA - Celina Gil

Assinale a alternativa que não apresenta período composto por coordenação:

- a) "A viúva aproximou-se da conversadeira para estalar um beijo na face da menina"
- b) "Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento; e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco."
- c) "Nem por isso; mas sinto-me lânguida"
- d) "Estes bailes que acabam tão tarde não devem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela"
- e) "o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!..."

Texto para as próximas questões

Um caboclo mal-encarado entrou na sala. Mendonça franziu a testa. Quis despedir-me; receei, porém, que o momento fosse impróprio e conservei-me sentado, esperando modificar a impressão desagradável que produzia. As moças me achavam maçador, evidentemente.

- Se o inverno vindouro for como este, desgraça-se tudo: isto vira lama e não nasce um pé de mandioca.

- Decerto, concordou Mendonça, visivelmente aporrinhado com o caboclo, que me olhava tranqüilo, sem levantar a cabeça.

- Pois até logo, exclamei de chofre. A eleição domingo, hem? Entendido. Mato um... (la dizer um boi. Moderei-me: todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores.) um carneiro. Um carneiro é bastante, não? Está direito. Até domingo.

E saí, descontente. Creio que foi mais ou menos o que aconteceu. Não me lembro com precisão. Atravessei o pátio e entrei no atalho que ia ter a São Bernardo. Que vergonha! Tomar a terra dos outros e deixá-la com aquelas veredas indecentes, cheias de camaleões, o mato batendo no rosto de quem passava!



Percorri a zona da encrenca. A cerca ainda estava no ponto em que eu a tinha encontrado no ano anterior. Mendonça forcejava por avançar, mas continha-se; eu procurava alcançar os limites antigos, inutilmente. Discórdia séria só esta: um moleque de São Bernardo fizera mal à filha do mestre de açúcar de Mendonça, e Mendonça, em consequência, metera o alicate no arame; mas eu havia consertado a cerca e arranjado o casamento do moleque com a cabrochinha.

(Graciliano Ramos, **São Bernardo**, 2013, p. 37 - 38)

36. INÉDITA - Celina Gil

“Se o inverno vindouro for como este, desgrça-se tudo: isto vira lama e não nasce um pé de mandioca.”

Sobre o período acima, é correto afirmar que:

- I. Em “Se o inverno vindouro for como este, desgrça-se tudo” há uma construção na ordem indireta, já que a oração subordinada vem escrita antes da principal.
- II. Há uma coordenação assindética presente nesse período.
- III. Em “isto vira lama e não nasce um pé de mandioca” há uma noção de somatória na relação entre as orações.

Está correto o que se afirma em:

- a) e II.
- b) e III.
- c) e III.
- d) Apenas III.
- e) Todas.

37. INÉDITA - Celina Gil

Assinale a alternativa em que a oração destacada assume o valor de objeto direto:

- a) “visivelmente aporrinhado com o caboclo, que me olhava tranquilo, sem levantar a cabeça.”
- b) “todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores”
- c) “receei, porém, que o momento fosse impróprio”
- d) “entrei no atalho que ia ter a São Bernardo”
- e) esperando modificar a impressão desagradável que produzia.



Texto para as próximas questões

As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia, aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas.

Não seria tudo o que o nosso amigo sentia, mas era muito. Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos.

Os olhos, por exemplo, não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com o Palha, e eles iam sublinhando a conversação... Agora, parecem mais negros, e já não sublinham nada; compõem logo as coisas, por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros. A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. Uma feição que a dona nunca pôde suportar, – coisa que o próprio Rubião achou a princípio que destoava do resto da cara, – o excesso de sobancelhas, – isso mesmo, sem ter diminuído, como que lhe dá ao todo um aspecto muito particular.

Traja bem; comprime a cintura e o tronco no corpinho de lã fina cor de castanha, obra simples, e traz nas orelhas duas pérolas verdadeiras, – mimo que o nosso Rubião lhe deu pela Páscoa.

A bela dama é filha de um velho funcionário público. Casou aos vinte anos com este Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações. Em 1864, apesar de recente no ofício, adivinhou, – não se pode empregar outro termo, – adivinhou as falências bancárias.

– Nós temos coisa, mais dia menos dia; isto anda por arames. O menor brado de alarme leva tudo.

O pior é que ele despendia todo o ganho e mais. Era dado à boa-chira; reuniões frequentes, vestidos caros e joias para a mulher, adornos de casa, mormente se eram de invenção ou adoção recente, – levavam-lhe os lucros presentes e futuros. Salvo em comidas, era escasso consigo mesmo. Ia muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco, – mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares. Era assim um rei Candaules*, mais restrito por um lado, e, por outro, mais público.

E aqui façamos justiça à nossa dama. A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros. Não a façamos mais santa do que é, nem menos. Para as despesas da vaidade, bastavam-lhe os olhos, que eram ridentes, inquietos, convidativos, e só convidativos: podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes. A lanterna fazia parar toda a gente, tal era a lindeza da cor, e a originalidade dos emblemas; parava, olhava e andava. Para que escancarar



as janelas? Escancarou-as, finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retranscada.

*Rei Candaules: lenda helênica sobre rei de acreditava ser casado com a mulher mais bela de todas. Ele obriga um criado a vê-la nua escondido para provar seu ponto. Ele não sabia, porém, que havia uma maldição: se outro homem a visse nua, um deles deva morrer. O criado, então, o mata e se casa com a rainha.

(Machado de Assis, **Quincas Borba**, CAPÍTULO XXXV, 1994)

38. INÉDITA - Celina Gil

Quais orações estabelecem entre si relação de causa e consequência

- a) "(...) era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos"
- b) "(...) mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista"
- c) "la muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco"
- d) "Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares"
- e) "podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes"

39. INÉDITA - Celina Gil

Casou aos vinte anos com este Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco.

Sobre o período transcrito acima, é correto afirmar que:

- I. O sujeito dessa oração é indeterminado, pois não está expresso na oração e não é possível identificá-lo a partir da flexão verbal.
- II. O termo "zangão da praça" assume a função sintática de aposto, caracterizando Cristiano de Almeida e Palha a partir de uma metáfora.
- III. "que então contava vinte e cinco" é uma oração que assume função de adjunto adnominal de "Cristiano de Almeida e Palha", ainda que esses termos estejam separados por outro termo entre vírgulas.

A alternativa que apresenta os itens **incorretos** é:

- a) I. e II.
- b) I. e III.
- c) II. e III.
- d) I.



e) II.

40. (INÉDITA – Celina Gil)

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

– Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

(Dom Casmurro, Machado de Assis)

Leia atentamente o trecho destacado e assinale a alternativa correta.

D. Fortunata, **que estava no quintal**, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

O trecho destacado transmite a ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) explicação.
- d) restrição.
- e) tempo.



4 Gabarito

1. A	15. A	29. C
2. A	16. D	30. C
3. C	17. A	31. C
4. C	18. B	32. B
5. B	19. A	33. B
6. D	20. C	34. E
7. B	21. D	35. A
8. E	22. D	36. E
9. D	23. D	37. C
10. C	24. D	38. B
11. D	25. D	39. D
12. E	26. B	40. C
13. D	27. A	
14. C	28. B	



5 Questões comentadas

Texto para as questões 1 e 2:

Pichação-arte é pixação?

As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no graffiti são essenciais e importantes de serem resgatados. O graffiti nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura hip-hop (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre graffiti e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do graffiti ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o graffiti nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sógnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride. A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da



intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um workshop sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecidamente transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões pré-estabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o graffiti, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. Pichação-arte é pixação? **Revista Arruaça**, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>> Acesso em: maio 2018.

1. (ITA/2019)

Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de causa.

a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.



- b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.
- c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.
- d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.
- e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status.

Comentários:

Um modo de analisar se uma oração é causal é tentar substituí-la por conjunções como “porque” ou até mesmo “por causa de”. A oração que pode ter sua conjunção substituída por outra de causa sem prejuízo é alternativa A: “Essa distinção das expressões deu-se em boa parte **por causa da** institucionalização do graffiti”.

A alternativa B está incorreta, pois trecho grifado sugere uma relação temporal entre as orações: ao longo do tempo, o graffiti foi sendo (...) e a pichação (...).

A alternativa C está incorreta, pois trecho grifado dá a ideia de exclusão: somente os membros decifram o conteúdo.

A alternativa D está incorreta, pois trecho grifado indica uma ideia de concessão: apesar de não adotar o comportamento adequado (...).

A alternativa E está incorreta, pois trecho destacado é a Oração Principal do período e, portanto, não apresenta classificação sintática.

Gabarito: A

2. Assinale a alternativa cujo trecho sublinhado denota uma condição.

- a) [...] trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência?
- b) [...] ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como graffiti artístico.
- c) Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima [...]
- d) Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto pré-estabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética.
- e) “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]

Comentários:

Um dos modos mais fáceis de encontrar o valor dos conectivos e classificar as orações é substituir a conjunção da oração por outra que você tenha certeza do



significado. Uma das conjunções mais comuns para condição é o “se”. A única oração que pode ter sua conjunção substituída pelo “se” sem prejuízo é a alternativa A: “se fosse considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência?”

A alternativa B está incorreta, pois a oração destacada caracteriza o grafitti, não impõe nenhuma condição.

A alternativa C está incorreta, pois o trecho destacado indica uma concessão (**embora** compartilhem da mesma matéria-prima).

A alternativa D está incorreta, pois o trecho destacado indica uma causa (**porque** isso pressuporia a diluição).

A alternativa E está incorreta pelo mesmo motivo que D: o trecho destacado indica uma causa.

Gabarito: A

3. (ITA/2017)



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQAZ78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg
(Acesso em 12/05/2016)

Os dois primeiros quadros da tirinha criam no leitor uma expectativa de desfecho que não se concretiza, gerando daí o efeito de humor. Nesse contexto, a conjunção **e** estabelece a relação de

- a) conclusão.
- b) explicação.
- c) oposição.
- d) consequência.
- e) alternância.

Comentários:

Neste caso, o “e” tem o mesmo valor que um “mas”, pois o período significa que Calvin fala mal do programa, mas gosta dele, o que cria uma relação de oposição. Portanto, a correta é a alternativa C

A alternativa A está incorreta, pois não há conclusão de nenhum dado, apenas oposição de sentido (é ruim / eu gosto).



A alternativa B está incorreta, pois não explica nada, pelo contrário, opõe;

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de consequência (não é porque é ruim que ele gosta).

A alternativa E está incorreta, pois não há menção de alternância (ora gosto, ora não gosto / ora é bom, ora é ruim)

Gabarito: C

4. (ITA/2012)

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, 2ª avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, 3ª imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço



que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Justes Lores. **Folha de S. Paulo**, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, ou Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.

Em sentido amplo, a relação de causa e efeito nem sempre é estabelecida por conectores (porque, visto que, já que, pois etc.). Outros recursos também são usados para atribuir relação de causa e efeito entre dois ou mais segmentos. Isso ocorre nas opções abaixo, exceto em

- a) [...] a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro.
- b) [...] a escuridão afugenta pessoas à noite [...].
- c) A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área [...].
- d) Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica [...].
- e) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Comentários:

A única questão que não apresenta relação de causa e efeito (ou causa e consequência) é alternativa C. Em “A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área” não há uma causa, mas sim uma necessidade.

Na alternativa A, a relação de causa e efeito está em: o metrô é a causa do afluxo de gente diferenciada ao bairro.

Na alternativa B, a relação de causa e efeito está em: a escuridão causa a não permanência das pessoas

Na alternativa D, a relação de causa e efeito está em: a retirada das grades causa melhoria na paisagem urbana.

Na alternativa E, a relação de causa e efeito está em: o engarrafamento e a bagunça causam desastre na opinião pública.

Gabarito: C

5. (ITA/2012)

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território



com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem



bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

Considere as seguintes afirmações relativas a aspectos sintático-semânticos do texto:

- I. A chamada “perdi 20 quilos só comendo linhaça” foi interpretada como “perdi 20 quilos comendo só linhaça”.
- II. Nos dois últimos parágrafos, há recorrência de períodos fragmentados em que faltam as orações principais.
- III. Devido à estrutura da frase “Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas”, o segundo período ficaria melhor se fosse assim: “sem se importassem com marcas”.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I.
- b) I e II.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.

Comentários:

A afirmação I. está correta, pois a autora de fato o significado da frase é “comer exclusivamente linhaça” – como um passarinho, referência que aparece na próxima oração.

A afirmação II. está correta, pois tanto no segundo parágrafo há orações iniciadas pela conjunção “que” não acompanhadas de uma oração principal que diga a quem essa conjunção se refere. É possível apenas presumir pelo contexto que ela fala de revistas e reportagens.

A afirmação III. está incorreta, pois não há erro na correlação de tempos e modos verbais nessa frase.

Gabarito: B



6. (ITA/2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro **que** a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, **que** o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas **que** só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro **que** há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos **que** 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo.



Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

(Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.)

Assinale a opção em que o termo grifado **NÃO** indica a circunstância mencionada entre parênteses.

- a) [...] pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. (Causa)
- b) Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. (Tempo)
- c) [...] apesar de ser a saída mais utilizada pela população [...]. (Concessão)
- d) Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, [...]. (Tempo)
- e) [...] porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso. (Causa)

Comentários:

Na alternativa D há um valor de oposição (algo ocorre algo nos bairros nobres, mas nos bairros periféricos não).

A alternativa A apresenta o valor mais comum de “pois”: causal.

Na alternativa B, “Já” pode ter valor e tempo quando denotar momento de ação transcorrida

Na alternativa C, se apresenta o valor mais comum de “apesar de”: concessão.

A alternativa E apresenta o uso mais comum desse conectivo: Causal, assim como o pois.

Gabarito: D

7. (ITA/2010 adaptada)

Indique a opção em que o **MAS** tem função aditiva.

- a) Atenção: na minha coluna não usei “careta” como quadrado, estreito, alienado, fiscalizador e moralista, **mas** humano, aberto, atento, cuidadoso.
- b) Não apenas no sentido econômico, **mas** emocional e psíquico: os sem autoestima, sem amor, sem sentido de vida, sem esperança e sem projetos.
- c) Não solto, não desorientado e desamparado, **mas** amado com verdade e sensatez.
- d) [...] (não me refiro a nomes importantes, **mas** a seres humanos confiáveis) [...].



e) Pois, na hora da angústia, não são os amiguinhos que vão orientá-los e ampará-los, **mas** o pai e a mãe – se tiverem cacife.

Comentários:

A alternativa B apresenta função aditiva. Em construções como “não apenas (...) mas”, há um aspecto de adição. Nesse caso: “No sentido econômico e no emocional e psíquico.”

Na alternativa A, o “mas” tem valor adversativo (pode ser substituído por conjunções adversativas como “porém”, “todavia”, “contudo”, etc.).

Na alternativa C, o “mas” tem valor adversativo.

Na alternativa D, o “mas” tem valor adversativo.

Na alternativa E, o “mas” tem valor adversativo.

Gabarito: B

8. (ITA/2009)

A vegetação do cerrado é influenciada pelas características do solo e do clima, bem como pela frequência de incêndios. O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo, o que diminui a disponibilidade de nutrientes e o torna tóxico para plantas não adaptadas. A hipótese do escleromorfismo oligotrófico defende que a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.

Além disso, a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade) tem efeito sobre a quantidade de nutrientes e o nível tóxico do solo. Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.

Já outra hipótese propõe que o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

Quando a frequência de incêndios é muito elevada, a parte aérea (galhos e folhas) do vegetal pode não se desenvolver e ele se torna uma planta anã. Pode-se dizer, então, que a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

(André Stella e Isabel Figueiredo. **Ciência hoje**, março/2008, adaptado.)

Considere o trecho abaixo:

“Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.” (3º parágrafo)



Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- I. nem todas as células produzem novos galhos.
- II. algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- III. todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas a II.
- d) apenas a III.
- e) todas.

Comentários:

As orações adjetivas presentes no trecho são:

- “aglomerados de células que dão origem a novos galhos”

Oração de valor restritivo: apenas as gemas são células cuja característica é dar origem a novos galhos.

- “As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas”

Oração de valor restritivo: apenas as gemas das extremidades dos galhos são substituídas.

- “gemas internas, que nascem em outros locais,”

Oração de valor explicativo: as gemas internas são aquelas que nascem em outros locais.

Lembre-se que **orações adjetivas restritivas não possuem vírgula e orações adjetivas explicativas possuem vírgula!**

A afirmação I. está correta, pois se apenas as gemas são células cuja característica é dar origem a novos galhos, significa que há outras células que não possuem a mesma característica.

A afirmação II. está correta, pois se apenas as gemas das extremidades dos galhos são substituídas quer dizer que há outras, em outros locais do galho – que por consequência não são substituídas.

A afirmação III. está correta, pois a definição de gemas internas é “aquelas que nascem em outros locais”.

Gabarito: E



9. (ITA/2009)

As relações de causalidade são estabelecidas no texto, entre outros recursos, pelos verbos. Assinale a opção em que o sujeito e o complemento do verbo NÃO correspondem, respectivamente, à ordem causa-consequência:

- a) O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo [...].
- b) [...] a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.
- c) Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.
- d) [...] o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios.
- e) [...] a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

Comentários:

Na alternativa D há uma estrutura diferente da proposta no exercício. “o formato tortuoso das árvores do cerrado” é a consequência e “a ocorrência de incêndios” é a causa. Portanto, o sujeito contém a ideia de consequência e o objeto (aqui, indireto) contém a ideia de causa.

Seria possível resolver essa questão percebendo que, caso fosse utilizado o verbo “causar”, a frase seria “o formato tortuoso das árvores do cerrado **é causado pela** ocorrência de incêndios”. Seria, portanto, uma voz passiva em que “o formato tortuoso das árvores do cerrado” = Sujeito paciente; e “ocorrência de incêndios” = Agente da passiva. Perceba como nas outras alternativas, o verbo está na voz ativa.

Na alternativa A, a relação de causa e consequência está em: é o excesso de alumínio que causa alta acidez no solo

Na alternativa B, a relação de causa e consequência está em: são a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas que causam o nanismo e a tortuosidade da vegetação.

Na alternativa C, a relação de causa e consequência está em: a baixa umidade causa elevação da toxidade e a diminuição da disponibilidade de nutrientes.

Na alternativa E, a relação de causa e consequência está em: são a combinação entre sazonalidade, a deficiência nutricional dos solos e a ocorrência de incêndios que causam as características da vegetação do cerrado.

Gabarito: D

10. (ITA/2008)

Observe o emprego da partícula **se**, em destaque, nos excertos abaixo:

- I. **Se** no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se movendo num campo de amplas dimensões. (linhas 09 e 10)



II. **Se** é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. (linhas 10 a 13)

III. De fato, **se** o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si. (linhas 50 e 51)

A partícula **se** estabelece uma relação de implicação em

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

Comentários:

Uma relação de implicação significa que uma afirmação está condicionada a outra, ou seja, a oração I implica a existência da oração II.

No Item I. o “se” expressa relação de comparação (o futebol está tão sujeito ao acaso quanto o poema).

No Item II. o “se” expressa relação de concessão (ainda que seja verdade que [...], ainda assim deve-se levar em conta [...]).

No Item III. o “se” expressa relação de condição e, portanto, de **implicação** (o jogador só dará o melhor de si se estiver preparado psicologicamente).

Gabarito: C

11. (ITA/2008)

¹Com um pouco de exagero, costume dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

⁵E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se ¹⁰movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de



probabilidades, ou seja, de ocorrências ¹⁵imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre ²⁰o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que ²⁵seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ³⁰ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto ³⁵do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia ⁴⁰para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: ⁴⁵treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores ⁵⁰das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcava o time. O médico da equipe, depois de atender o ⁵⁵jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: **Folha de S. Paulo**, 24/06/2007.)



No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** (linha 48) estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de

- a) restrição.
- b) adversidade.
- c) atenuação.
- d) adição.
- e) retificação.

Comentários:

A conjunção “mas” aparece mais comumente no valor adversativo. Neste caso, porém, ela não está opondo nenhuma ideia, mas sim adicionando um novo dado. Ela faz um adendo, trazendo um novo argumento. Por isso, a alternativa correta é a D. Isso prova que **não adianta decorar regras para a prova do ITA!** Esta prova cobre o entendimento do contexto e do significado, muito mais do que as regras.

A alternativa A está incorreta, pois não há valor restritivo (não se pode, por exemplo, substituir o “mas” por “apenas” sem prejuízo de valor).

A alternativa B está incorreta, pois não há valor de oposição (embora seja o valor mais comum do “mas”). Não há oposição entre o conteúdo anterior e o posterior à conjunção.

A alternativa C está incorreta, pois não há atenuação (não se pode, por exemplo, substituir o “mas” por “embora” sem prejuízo de valor).

A alternativa E está incorreta, pois não há retificação, ou seja, a informação posterior não “corrige” a anterior.

Gabarito: D

12. (ITA/2002)

Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O **que**, empregado como conectivo, introduz uma oração:

- a) substantiva.
- b) adverbial causal.
- c) adverbial consecutiva.
- d) adjetiva explicativa.
- e) adjetiva restritiva.

Comentários:

A oração “que junta os trapos” é adjetiva: ela caracteriza a palavra “gente” da oração principal. É uma oração restritiva, pois especifica o sentido de “gente”: nessa



oração, refere-se apenas a um tipo específico de gente – aquele que junta os trapos. Por isso, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não é uma frase que assume nenhuma função sintática de um substantivo.

Lembre-se de tentar substituir a frase por um “isso” para tentar resolver.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de causa e consequência nessa oração.

A alternativa C está incorreta pelo mesmo motivo que B: não há relação de causa e consequência nessa oração.

A alternativa D está incorreta, pois apesar de ser uma oração adjetiva, não explica ou adiciona características a “gente”, mas sim restringe a que tipo de “gente” a oração se refere.

Gabarito: E

13. (IME/2011 adaptada)

Assinale a alternativa em que a análise da relação de sentido expressa pelo elo coesivo destacado em negrito está **EQUIVOCADA**.

a) “O resultado será o mesmo em qualquer mensuração, **desde que** se use um relógio preciso”.

Relação de condição: apresenta uma condição relativamente ao que se afirma na oração anterior.

b) “O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. **Entretanto**, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo”.

Relação de oposição: apresenta uma argumentação contrária ao que foi dito antes.

c) “**Ainda que** nossas noções, aparentemente comuns, funcionem a contento quando lidamos com maçãs ou planetas, que se deslocam comparativamente mais devagar, não funcionam absolutamente para objetos que se movam à velocidade da luz, ou em velocidade próxima a ela”.

Relação de concessão: introduz uma ideia de quebra de uma expectativa em relação ao que se espera.

d) “Ele mostrou que o conceito de éter era desnecessário, **uma vez que** se estava querendo abandonar o de tempo absoluto”.

Ligação de alternância: introduz uma oração cujo conteúdo exclui o conteúdo da outra.

e) “Como não há força atuando sobre o corpo, a sua velocidade não aumenta, nem diminui, nem muda de direção. **Portanto** o único movimento possível do corpo na ausência de qualquer força atuando sobre ele é o *movimento retilíneo uniforme*”.

Ligação conclusiva: introduz uma conclusão relativamente ao enunciado anterior.



Comentários:

A alternativa D é a incorreta, pois “uma vez que” é uma conjunção que expressa valor de **causa**, não alternância. O período significa que “ele mostrou que o conceito de éter era desnecessário, já que se estava querendo abandonar o de tempo absoluto.

Substituindo-se os conectivos por outros mais comuns de cada tipo de relação, teríamos:

A alternativa A está correta, pois pode-se substituir o conectivo por “se”.

A alternativa B está correta, pois pode-se substituir o conectivo por “mas”.

A alternativa C está correta, pois pode-se substituir o conectivo por “embora”.

A alternativa E está correta, pois pode-se substituir o conectivo por “logo”.

Gabarito: D

14. (FGV/2018)

Quando você significa eu

Outro dia, deitado no divã em uma seção de análise, descrevi meus sentimentos. “Quando sobe a raiva, você perde a capacidade de ser generoso.” Antes de terminar a frase, eu me dei conta de que tinha usado “você”, apesar de estar descrevendo um comportamento meu. Instintivamente repeti a frase. “Quando sobe a raiva, eu perco a capacidade de ser generoso.”

Não me senti bem. Não era o que eu queria expressar. O que seria esse estranho “você” que havia usado falando de mim, e seguramente não me referindo a ele, meu analista, que era o único na sala? Como você sabe, o “você” normal é usado como nessa frase, para se referir ao interlocutor. Descobri que esse estranho “você” é o chamado “você” genérico e pode significar muitas coisas, entre elas “eu e toda a humanidade”. O que eu queria dizer era o seguinte: “Quando sobe a raiva, eu e toda a humanidade perdemos a capacidade de sermos generosos.” Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa.

Imagine qual não foi minha surpresa ao me deparar com um estudo que investiga exatamente em que condições as pessoas usam esse “você” genérico. O prazer é grande quando você (o prazer é meu, mas estou usando o “você” genérico para expressar minha esperança que você também tenha esse prazer) lê sobre algo que já observou.

Fernando Reinach, **O Estado de S. Paulo**, 08/04/2017.

A oração “Ao usar o ‘você’ genérico” (final do segundo parágrafo) expressa ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) tempo.
- d) condição.
- e) finalidade.



Comentários:

O período em que o termo destacado aparece é:

“Ao usar o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa”.

A expressão “ao usar” indica ideia de “tempo”: “Quando usei o “você” genérico estava tentando me eximir um pouco da culpa”. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

Vamos construir o período com conectivos das alternativas para perceber como não há outra relação possível:

Alternativa A está incorreta, pois a construção **“Porque** usei o “você” genérico, estava tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Alternativa B está incorreta, pois a construção **“De modo que** usasse o “você” genérico, estava tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Alternativa D está incorreta, pois a construção **“Se** usasse o “você” genérico, estaria tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Alternativa E está incorreta, pois a construção **“A fim de** usar o “você” genérico, estava tentando me eximir um pouco da culpa” não preserva o sentido.

Gabarito: C

15. (UNESP/2018)

Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697).

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não puguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]



Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(*Essencial*, 2011.)

“Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de

- a) condição.
- b) proporção.
- c) finalidade.
- d) causa.
- e) consequência.

Comentários:

A conjunção “se” costuma denotar uma condição. Essa relação se comprova pela substituição de desse conectivo por outro que não modifique o sentido: **“Caso** o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” A alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há ideia de proporcionalidade aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote proporção: **“À medida que** o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.”

A alternativa C está incorreta, pois não há ideia de finalidade aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote finalidade: **“A fim de que** o rei de Macedônia, ou qualquer outro, faça o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.”



A alternativa D está incorreta, pois não há ideia de causa aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote causa: “**Porque** o rei de Macedônia, ou qualquer outro, faz o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.”

A alternativa E está incorreta, pois não há ideia de consequência aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote consequência: “**Logo**, o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.”

Gabarito: A

16. (INSPER/2018)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo *Estado* dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.



Comentários:

Há uma relação de contraste estabelecida. Diz-se uma informação no primeiro parágrafo e, no segundo, expõe-se outro lado para a mesma questão. O termo que melhor define essa ideia de contraste é **contrajunção**. No texto, porém, fica clara a linha de raciocínio seguida no texto: a ideia no segundo parágrafo (o surgimento dos memes políticos não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política) será mais explorada que a do primeiro (em época de eleição, realizam-se muitos memes com candidatos).

Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há comparação entre as ideias, mas sim a escolha de uma em detrimento de outra para dar seguimento ao texto.

A alternativa B está incorreta, pois uma ideia não é um desdobramento conclusivo da outra.

A alternativa C está incorreta, pois uma ideia não é consequência da outra, mas sim se contrapõe.

A alternativa E está incorreta, pois a segunda ideia não explica a primeira, mas sim se contrapõe a ela.

Gabarito: D

17. (UERJ/2018)

“Se a rosa é uma rosa, a pedra deveria ser uma pedra.”

O trecho sublinhado se articula com o anterior expressando valor de:

- a) conclusão
- b) finalidade
- c) proporção
- d) conformidade

Comentários:

Há uma relação de conclusão estabelecida nesse período. Se consideramos que “a rosa é uma rosa”, então temos que considerar também que “a pedra é uma pedra”. Por isso, seria possível construir esse período usando um conectivo conclusivo: “Se a rosa é uma rosa, **logo**, a pedra deveria ser uma pedra”.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de finalidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de finalidade: “a rosa é uma rosa, **a fim de** que a pedra deveria seja uma pedra”.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de proporção. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de proporção: “a rosa é uma rosa, **à medida em que** a pedra deva ser uma pedra”.



A alternativa D está incorreta, pois não há relação de conformidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de conformidade: “a rosa é uma rosa, **conforme** a pedra deva ser uma pedra”.

Gabarito: A

18. (UNESP/2017)

Leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899. (a) *João Alves Júnior.*

Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.



Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(*Fala, amendoeira*, 2012.)

“Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, **mesmo que tenha aparecido**, já é pó no pó.” (2º parágrafo)

Em relação ao período do qual faz parte, a oração destacada exprime ideia de

- a) comparação.
- b) concessão.
- c) consequência.
- d) conclusão.
- e) causa.

Comentários:

A ideia expressa no período é de que o animal perdido, ainda que tenha reaparecido, já estará morta a essa altura, 55 anos depois. Ou seja, há uma concessão a uma fala anterior: se reapareceu, está morta. Pode-se comprovar isso pela substituição desse conectivo por outro que denote concessão: “tua besta vermelho-escura, **ainda que** tenha aparecido, já é pó no pó.”. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há ideia de comparação aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote comparação: “tua besta vermelho-escura, **assim como** tenha aparecido, já é pó no pó.”

A alternativa C está incorreta, pois não há ideia de proporcionalidade aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote consequência: “tua besta vermelho-escura, **de modo que** tenha aparecido, já é pó no pó.”

A alternativa D está incorreta, pois não há ideia de proporcionalidade aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote conclusão: “tua besta vermelho-escura, **portanto** tenha aparecido, já é pó no pó.”



A alternativa E está incorreta, pois não há ideia de proporcionalidade aqui, o que se comprova pela substituição do conectivo por um que denote causa: “tua besta vermelho-escura, **visto que** tenha aparecido, já é pó no pó.”

Gabarito: B

19. (UFJF-MG/2017)

Além disso, parte dos participantes teve sua atividade cerebral medida através de ressonância magnética funcional.

Assim, foi observado que a resposta da amígdala, uma região do cérebro na qual se processam as reações emocionais, era mais intensa na primeira vez que os participantes enganavam seus companheiros.

Os termos em destaque, nos trechos acima, estabelecem relação de:

- a) complementação e de conclusão de raciocínio.
- b) continuidade e de inversão de raciocínio.
- c) conclusão e de adição de informação.
- d) complementação e de causalidade.
- e) causalidade e de conclusão.

Comentários:

“Além disso” é um conectivo que expressa ideia de adição de novas informações, complementando o que já havia sido dito antes. Já “assim” é um conectivo que expressa conclusão, apanhando todas as ideias faladas até então e resumindo numa conclusão. Portanto, a alternativa correta é A.

A alternativa B é incorreta, pois não há inversão de raciocínio em “assim”, pelo contrário, há apanhado de ideias.

A alternativa C é incorreta, pois “além disso” dá ideia de adição, não conclusão e “assim” dá ideia de conclusão, não adição.

A alternativa D é incorreta, pois “assim” não tem noção de causalidade, mas sim de “conclusão”.

A alternativa E é incorreta, pois “além disso” não tem noção de causa, mas de adição.

Gabarito: A



20. (FGV/2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

- Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

- Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. *A Legião Estrangeira*, 1964. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” forma uma expressão indicativa de causa.

- a) ... por que Alice viera atrasada e **de** olhos vermelhos.
- b) ... e insistia com os olhos cheios **de** lágrimas.
- c) - Sua gorda! disse Alice de repente, branca **de** raiva.
- d) ... pegou o garfo e enfiou-o no pescoço **de** Alice.
- e) Mas a gorda, mesmo depois **de** ter feito o gesto...

Comentários:

O “de” expressa relação de causa na alternativa C: ela estava branca porque estava com raiva (branca por causa da raiva).



A alternativa A está incorreta, pois “de olhos vermelhos” relata o estado em que Alice veio, mas não indica causa.

A alternativa B está incorreta, pois “de lagrimas” identifica do que os olhos estavam cheios, não **porque** estavam cheios.

A alternativa D está incorreta, pois “de Alice” indica de quem é o pescoço, portanto não há relação de causa, mas pertencimento.

A alternativa E está incorreta, pois “depois de” indica posterioridade, não causa.

Gabarito: C

21. (FGV/2017)

Pobres precisam de banheiro, não de celular, diz BM

¹ As famílias mais pobres do mundo estão mais propensas a terem telefones ² celulares do que banheiros ou água limpa.

³ Segundo relatório do Banco Mundial, intitulado “Dividendos Digitais”, o número ⁴ de usuários de internet mais que triplicou em uma década, para 3,2 bilhões no final ⁵ do ano passado, representando mais de 40 por cento da população mundial.

⁶ Embora a expansão da internet e de outras tecnologias digitais tenha facilitado ⁷ a comunicação e promovido um senso de comunidade global, ela não ofereceu o ⁸ enorme aumento de produtividade que muitos esperavam, disse o Banco. Ela também ⁹ não melhorou as oportunidades para as pessoas mais pobres do mundo, nem ajudou ¹⁰ a propagar a “governança responsável”.

¹¹ “Os benefícios totais da transformação da informação e comunicação somente se ¹² tornarão realidade se os países continuarem a melhorar seu clima de negócios, ¹³ investirem na educação e saúde de sua população e proverem a boa governança. Nos ¹⁴ países em que esses fundamentos são fracos, as tecnologias digitais não impulsionam ¹⁵ a produtividade nem reduzem a desigualdade”, afirmou o relatório.

¹⁶ A visão do Banco Mundial contrasta com o otimismo dos empreendedores da ¹⁷ tecnologia, como Mark Zuckerberg e Bill Gates, que têm argumentado que o acesso ¹⁸ universal à internet é essencial para eliminar a pobreza extrema.

¹⁹ “Quando as pessoas têm acesso às ferramentas e ao conhecimento da internet, ²⁰ elas têm acesso a oportunidades que tornam a vida melhor para todos nós”, diz uma ²¹ declaração do ano passado assinada, entre outros, por Zuckerberg e Gates.

²² Segundo o Banco Mundial, conectar o mundo “é essencial, mas está longe de ser ²³ suficiente” para eliminar a pobreza.

<http://exame.abril.com.br> 14/01/2016. Adaptado.

No trecho “é essencial, mas está longe de ser suficiente” (Refs. 22-23), a palavra sublinhada poderia ser corretamente substituída por

- a) porquanto.
- b) posto que.



- c) conquanto.
- d) não obstante.
- e) por conseguinte.

Comentários:

Neste contexto, “mas” é uma conjunção que denota oposição. Portanto, deve ser substituída por outra de igual valor. A alternativa D, não obstante, apresenta a melhor opção.

A alternativa A está incorreta, pois “porquanto” tem valor de consequência.

A alternativa B está incorreta, pois “posto que” tem valor de consequência.

A alternativa C está incorreta, pois “conquanto” tem valor de concessão.

A alternativa E está incorreta, pois “por conseguinte” tem valor de consequência.

Gabarito: D

22. (UNESP/2017)

Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.



Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria.

Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s).

Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

(Folha de S.Paulo, 01.01.2017. Adaptado.)

Em “O Universo **que saltou dos cálculos de Einstein** tinha três características básicas [...]” (4º parágrafo), a oração destacada encerra sentido de

- a) consequência.
- b) explicação.
- c) causa.
- d) restrição.
- e) conclusão.

Comentários:

Vamos fazer a análise sintática do período:

Oração principal: “O Universo tinha três características básicas”

Oração subordinada: “que saltou dos cálculos de Einstein”

Os termos da oração principal são:



Sujeito: O Universo

Verbo: tinha

Objeto direto: três características básicas

A oração “que saltou dos cálculos de Einstein” é adjunto adnominal de “Universo”. Como a oração restringe o sentido do termo, é uma oração subordinada adjetiva restritiva. Assim, a alternativa correta é alternativa D. Lembre-se que orações adjetivas restritivas vêm **sem vírgulas**.

Gabarito: D

23. (UNIFESP/2016)

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: Plebem meam, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo se devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. **Essencial**, 2011.)



“Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (1º parágrafo) Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

Comentários:

O conectivo “para” pode ser facilmente substituído por um “a fim de”: “Santo Agostinho, a fim de encarecer a fealdade (...)”. Portanto, a relação estabelecida a partir de “para” é de finalidade. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há relação de consequência. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de consequência: “Santo Agostinho, **de modo a** encarecer a fealdade (...)”.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de conformidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de conformidade: “Santo Agostinho, **conforme** encarece a fealdade (...)”.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de proporção. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de proporção: “Santo Agostinho, **à medida que** encarece a fealdade (...)”.

A alternativa E está incorreta, pois não há relação de causa. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de causa: “Santo Agostinho, **por que** encarece a fealdade (...)”.

Gabarito: D

24. (UNIFESP/2016)

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista Senhor em 1962.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara



demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendome talvez como a justiça que se vinga. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. **Para não esquecer**, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

“O décimo terceiro tiro me assassina – **porque eu sou o outro.**” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.
- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.



Comentários:

O conectivo “porque” é majoritariamente de causa. Nesse caso, a relação de causa estabelecida é bastante clara: a causa do tiro me assassinar é que “eu sou o outro”. Logo, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há relação de consequência. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de consequência: “O décimo terceiro tiro me assassina – **de modo que** eu sou o outro.”

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de conclusão. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de conclusão: “O décimo terceiro tiro me assassina – **logo**, eu sou o outro.”

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de alternância. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de alternância: “**Ora** décimo terceiro tiro me assassina, **ora** eu sou o outro.”

A alternativa E está incorreta, pois não há relação de finalidade. É possível confirmar isso adicionando um conectivo de finalidade: O décimo terceiro tiro me assassina – **a fim de que** eu seja o outro.”

Gabarito: D

25. (UNESP/2016)

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.).

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

¹ doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“**Como seria morto**, rogou à doninha que poupasse sua vida.” (1º parágrafo)

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) proporção.
- b) comparação.



- c) consequência.
- d) causa.
- e) finalidade.

Comentários:

O período a ser analisado aqui é:

“Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida”

Oração principal: “rogou à doninha”

Oração subordinada: “que poupasse sua vida”

Essa oração tem valor de objeto direto: “Rogou à doninha **isso**”. Portanto, é uma Oração subordinada substantiva objetiva direta.

Oração subordinada: “Como seria morto”

Essa oração tem valor de **causa**: “**Porque** seria morto, rogou à doninha” ou “**Por causa** da morte iminente, rogou à doninha”. Portanto, é uma Oração subordinada adverbial causal.

Gabarito: D

26. (UNESP/2014)

Considere o poema satírico do poeta português João de Deus (1830-1896).

Ossos do ofício

Uma vez uma besta do tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto
Se lhe agarra ao cabresto.
Ela reguinga, dá uma sacada
Já cuidando
Que desfazia o bando;
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoadas,
Ah! que exclamava enfim
A besta oficial:
– Nunca imaginei tal!
Tratada assim



Uma besta real!...

Mas aquela que vinha atrás de mim,

Por que a não tratais mal?

“Minha amiga, cá vou no meu sossego,

Tu tens um belo emprego!

Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!

Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!

Ossos do ofício, que o não há sem ossos.”

(Campo de flores, s/d.)

Na terceira estrofe, com relação à oração principal do período de que faz parte, a oração *que exclamava enfim* expressa

- a) causa.
- b) consequência.
- c) finalidade.
- d) condição.
- e) negação.

Comentários:

O período referido no enunciado é:

“Foi tanta a bordoadada, Ah! que exclamava enfim a besta oficial”

Oração principal: “Foi tanta bordoadada”

Oração subordinada: “que exclamava enfim a besta oficial”

Substituindo-se o “que” por uma conjunção que não altere o sentido do período, teríamos:

“Foi tanta a bordoadada, **de modo que** exclamava enfim a besta oficial”

Portanto, a oração estabelece uma relação de consequência com a principal. A alternativa certa é alternativa B.

Substituindo-se o “que” da oração original por conjunções dos casos apresentados nas alternativas, fica fácil perceber que nenhuma outra relação preservaria o sentido original do texto. Perceba:

A alternativa A está incorreta, pois não há relação de causa expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **porque** exclamava enfim a besta oficial”.

A alternativa C está incorreta, pois não há relação de finalidade expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **a fim de que** exclamasse enfim a besta oficial”.

A alternativa D está incorreta, pois não há relação de causa expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **se** exclamasse enfim a besta oficial”.



A alternativa E está incorreta, pois não há relação de causa expressa, de modo que é impossível construir a frase como: “Foi tanta a bordoadada, **não** exclamava enfim a besta oficial”.

Gabarito: B

27. (FGV/2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo
(Ferreira Gullar, **Muitas vozes**)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.^a estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.^a estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.



Comentários:

Os períodos a serem analisados são:

Ter medo da morte é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: ter medo da morte

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter medo da morte

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

O mesmo processo ocorre na outra oração destacada:

Ter apego ao mundo é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: Ter apego ao mundo

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter apego ao mundo

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

Portanto, as orações exercem, ambas, a função de sujeito da oração.

Gabarito: A

28. (UNESP/2014)

Quando entrava no cinema era reconhecido.

A língua portuguesa aceita muitas variações na ordem dos termos na oração e no período, desde que não causem a desestruturação sintática e a perturbação ou quebra do sentido.

Assinale a alternativa em que a reordenação dos elementos não altera a estrutura do período em destaque e mantém o mesmo sentido.

a) Quando era no reconhecido cinema entrava.



- b) Era reconhecido quando entrava no cinema.
- c) Entrava quando no cinema era reconhecido.
- d) Quando era reconhecido entrava no cinema.
- e) Entrava reconhecido quando era no cinema.

Comentários:

Essa é uma questão bastante simples desde que o candidato perceba a divisão do período.

Oração principal: era reconhecido

Oração subordinada adverbial de tempo: Quando entrava no cinema.

Respeitando-se a estrutura de cada uma das orações, pode-se alterar a ordem colocando a principal antes da subordinada, de modo que: “Era reconhecido **quando entrava no cinema**”

Assim, a alternativa correta é alternativa B.

Gabarito: B

29. (UNESP/2014)

No dia em que tivera que ceder a posição, a um menino do Cabo Frio, fora para ele como se tivesse perdido as duas pernas.

Segundo o contexto, a imagem como se tivesse perdido as duas pernas revela, com grande expressividade e força emocional,

- a) sensação de estar sendo injustiçado pela torcida.
- b) certeza de que ainda era melhor jogador que o novato.
- c) sentimento de impotência ante a situação.
- d) vontade de trocar o futebol por outra profissão.
- e) receio de sofrer novas contusões e ficar incapacitado.

Comentários:

Perder as duas pernas, para um jogador de futebol, significa não ser capaz de fazer absolutamente nada. As pernas são o próprio instrumento de trabalho de um jogador de futebol. Assim, essa expressão denota uma sensação de impotência ante a situação. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois essa expressão tem mais a ver com sua relação com o outro jogador do que com a torcida.

A alternativa B está incorreta, pois essa expressão revela uma insegurança por parte do jogador em relação ao novato.



A alternativa D está incorreta, pois não é possível presumir que sua insegurança o leve a querer trocar de profissão, apenas que ele está apreensivo com a chegada do novo jogador.

A alternativa E está incorreta, pois o receio dele é que o outro jogador o substitua, não que ele se machuque.

Gabarito: C

30. (UNESP/2013)

Leia um fragmento da crônica Letra de canção e poesia, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um

poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julgemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S.Paulo, 16.06.2007.)



Para que a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.

No período em destaque, a oração **Para que a julguemos boa** indica, em relação à oração principal,

- a) comparação.
- b) concessão.
- c) finalidade.
- d) tempo.
- e) proporção.

Comentários:

A locução conjuntiva “para que” costuma denotar finalidade. Para comprovar isso, basta substituir o conectivo por outro que mantenha esse sentido: “**A fim de que** a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.” A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há comparação entre as informações das orações. Isso se comprova pela substituição por um conectivo comparativo: “**Assim como** a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.”

A alternativa B está incorreta, pois não há concessão na relação entre as informações das orações. Isso se comprova pela substituição por um conectivo concessivo: “**Embora** a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.”

A alternativa D está incorreta, pois não há noção de temporalidade entre as informações das orações. Isso se comprova pela substituição por um conectivo temporal: “**Quando** a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.”

A alternativa E está incorreta, pois não há proporcionalidade entre as informações das orações. Isso se comprova pela substituição por um conectivo proporcional: “**À medida que** a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa.”

Gabarito: C

31. (UNESP/2014)

Leia o fragmento de um romance de Érico Veríssimo (1905-1975).

O defunto dominava a casa com a sua presença enorme. Anoitecia, e os homens que cercavam o morto ali na sala ainda não se haviam habituado ao seu silêncio espesso.



Fazia um calor opressivo. Do quarto contíguo vinham soluços sem choro. Pareciam pedaços arrancados dum grito de dor único e descomunal, davam uma impressão de dilaceramento, de agonia sincopada.

As velas ardiam e o cheiro da cera derretida se casava com o perfume adocicado das flores que cobriam o caixão. A mistura enjoativa inundava o ar como uma emanção mesma do defunto, entrava pelas narinas dos vivos e lhes dava a sensação desconfortante duma comunhão com a morte.

O velho calvo que estava a um canto da sala, voltou a cabeça para o militar a seu lado e cochichou:

– Está fazendo falta aqui é o Tico, capitão.

O oficial ainda não conhecia o Tico. Era novo na cidade. Então o velho explicou. O Tico era um sujeito que sabia animar os velórios, contava histórias, tinha um jeito especial de levar a conversa, deixando todo o mundo à vontade. Sem o Tico era o diabo... Por onde andaria aquela alma?

Entrou um homem magro, alto, de preto. Cumprimentou com um aceno discreto de cabeça, caminhou devagarinho até o cadáver e ergueu o lenço branco que lhe cobria o rosto. Por alguns segundos fitou na cara morta os olhos tristes. Depois deixou cair o lenço, afastou-se enxugando as lágrimas com as costas das mãos e entrou no quarto vizinho.

O velho calvo suspirou.

– Pouca gente...

O militar passou o lenço pela testa suada.

– Muito pouca. E o calor está brabo.

– E ainda é cedo.

O capitão tirou o relógio: faltava um quarto para as oito.

(Um lugar ao sol, 1978.)

A oração **como uma emanção mesma do defunto** sugere que

- a) a alma do defunto ainda pairava sobre o corpo.
- b) o odor do defunto era mais enjoativo que o das flores.
- c) todos os odores pareciam provir do cadáver.
- d) as pessoas confundiam seu próprio suor com os odores da sala.
- e) o falecido apresentava um odor muito desagradável.

Comentários:

A palavra emanar significa exalação, procedência. Assim, essa oração quer dizer que todos os odores pareciam provir do defunto na sala. É uma **comparativa**, ou seja, afirma que os odores se parecem. Assim, a alternativa correta é alternativa C.



A alternativa A está incorreta, pois não é uma questão de alma, mas sim de materialidade: o corpo exalando odores.

A alternativa B está incorreta, pois as flores servem para disfarçar os odores de putrefação que vêm do corpo do defunto.

A alternativa D está incorreta, pois o suor denota a sensação de clausura do ambiente, não se relacionando com o odor necessariamente.

A alternativa E está incorreta, pois o odor estava sendo disfarçado pelas flores.

Gabarito: C

32. (UNESP/2010)

Considere o poema do parnasiano brasileiro Julio César da Silva (1872-1936):

Arte suprema

Tal como Pigmalião, a minha ideia
Visto na pedra: talho-a, domo-a, bato-a;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galateia.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;
Digo-lhe: "Fala!", ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a cora e aformoseia...
E a estátua não falou, porque era estátua.

Bem haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,
Em vão não é que eu digo ao verso: "Fala!"
E ele fala-me sempre, porque é verso.

(Júlio César da Silva. **Arte de amar**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.)

Aponte a alternativa que indica o número do verso em que aparecem dois adjetivos ligados por um conectivo aditivo:

- a) Verso 3.
- b) Verso 4.
- c) Verso 5.



- d) Verso 7.
- e) Verso 11.

Comentários:

A oração que apresenta dois adjetivos ligados por conectivo de adição é “Surge, **formosa e nua**, Galateia.”. Essa oração aparece no verso 4. Portanto, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o conectivo de adição do verso três separa “olhos” e “ vaidade”, dois substantivos.

A alternativa C está incorreta, pois o conectivo de adição do verso três separa “golpes” e “remato”, um substantivo e um verbo.

A alternativa D está incorreta, pois o conectivo de adição do verso três separa “cora” e “aformoseia”, dois verbos.

A alternativa E está incorreta, pois o conectivo de adição do verso três separa “universo” (verso 10) e “ao qual”, um substantivo e um conectivo.

Gabarito: B

Entre as várias técnicas do yoga, os exercícios respiratórios (Pránayáma) parecem ser os que exercem maior influência nos estados de humor, justamente pela notória relação das emoções com a respiração. A regulação respiratória depende de uma série de mecanismos involuntários, podendo ser realizada sem a interferência do controle voluntário. Assim, as características da respiração se ajustam de acordo com as emoções. Entretanto, é possível alterar voluntariamente seu ritmo, frequência e profundidade. As técnicas respiratórias orientam justamente esse controle voluntário, exercendo influência em mecanismos involuntários que regulam a respiração e o sistema cardiovascular, podendo modular a interação entre sistema nervoso simpático e parassimpático e, conseqüentemente, o eixo HPHPA. Esses exercícios ativam o sistema nervoso autônomo com a finalidade de inibir o sistema simpático e estimular o sistema parassimpático.

Com a prática dos exercícios propostos pelo yoga, os quimiorreceptores sensíveis à elevação de CO₂, localizados no centro respiratório do cérebro (no tronco cerebral), começam a responder menos a esse aumento durante a expiração, de modo que o indivíduo consegue expirar mais prolongadamente, reduzindo a frequência cardíaca. As técnicas têm como finalidade prolongar a expiração e valorizar a retenção de ar. Esse princípio conduz a um treinamento tão forte do SNA que ocorre um aumento das variações da frequência cardíaca, mesmo quando o indivíduo não está praticando, pois o padrão respiratório involuntário é profundamente alterado. Essas pesquisas talvez expliquem por que os praticantes de ioga sejam menos propensos a desenvolver transtornos de ansiedade e de humor e respondam melhor às alterações emocionais negativas.

Uol, setembro de 2009. Disponível em: <
http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/a_ciencia_da_ioga.html> Acesso em 01 mai.2019.



33. INÉDITA – Celina Gil

Assinale a alternativa em que a oração destacada expressa ideia de consequência:

- a) "(...) mesmo quando o indivíduo não está praticando, pois o padrão respiratório involuntário é profundamente alterado"
- b) "(...) começam a responder menos a esse aumento durante a expiração, de modo que o indivíduo consegue expirar mais prolongadamente, reduzindo a frequência cardíaca"
- c) "Com a prática dos exercícios propostos pelo yoga, os quimiorreceptores sensíveis à elevação de CO₂"
- d) "Esses exercícios ativam o sistema nervoso autônomo com a finalidade de inibir o sistema simpático e estimular o sistema parassimpático."
- e) "Essas pesquisas talvez expliquem por que os praticantes de ioga sejam menos propensos a desenvolver transtornos de ansiedade."

Comentários:

O conector que melhor expressa a ideia de consequência é o "de modo que", presente na oração da alternativa B. É possível comprovar essa hipótese pela substituição do termo por um advérbio de consequência: começam a responder menos a esse aumento durante a expiração, **consequentemente**, o indivíduo consegue expirar mais prolongadamente, reduzindo a frequência cardíaca. Por isso, a alternativa B é alternativa correta.

A alternativa A está incorreta, pois o conector "pois" expressa ideia de causa. Para comprovar, basta comprovar substituir por conectores de consequência. Assim, fica claro que o sentido não se mantém: "mesmo quando o indivíduo não está praticando, **de modo que** o padrão respiratório involuntário é profundamente alterado"

A alternativa C está incorreta, pois o conector "com", nesse caso, expressa ideia de causa. Para comprovar, basta comprovar substituir por conectores de consequência. Assim, fica claro que o sentido não se mantém: "**De modo que** a prática dos exercícios propostos pelo yoga, os quimiorreceptores sensíveis à elevação de CO₂"

A alternativa D está incorreta, pois o conector "com a finalidade de" expressa ideia de finalidade. Para comprovar, basta comprovar substituir por conectores de consequência. Assim, fica claro que o sentido não se mantém: ""Esses exercícios ativam o sistema nervoso autônomo **de modo a** inibir o sistema simpático e estimular o sistema parassimpático."

A alternativa E está incorreta, pois o "que" aqui é conjunção integrante, antecedendo um termo que exerce função de objeto direto. Para comprovar essa afirmação, basta substituir a oração por um "isso": "Essas pesquisas talvez expliquem **isso**".

Gabarito: B



Nenhuma linhagem é tão icônica para a Paleontologia quanto a linhagem dos dinossauros. Muitas crianças despertam seu interesse pela ciência desde cedo quando começam a ler sobre estes gigantes (nem todos) da Era Mesozóica. Neste mês, senti um misto de nostalgia e de felicidade ao me deparar com relançamento do famoso álbum do extinto chocolate Surpresa. Em minha infância, colecionando os cards que continham informações dos animais no verso, pude retornar ao tempo pela primeira vez. Nem todos os cards retratavam dinossauros, havia um pterossauro, um lepidossauro, um ictiosauro e até mesmo um sinapsídeo. É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente de dinossauros todas estas linhagens distintas. Cabe aos professores de Paleontologia colocar “cada dinossauro no seu galho”. E cabe aos mesmos ensinar sobre uma das mais conhecidas divisões dentro de uma linhagem de organismos. Tradicionalmente, os dinossauros são divididos em dois grupos: os ornitísquios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis, e os saurísquios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves, sendo estes últimos divididos em saurísquios saurópodes (Saurischia Sauropodomorpha), herbívoros, e saurísquios terópodes (Saurischia Theropoda), carnívoros.

No entanto, há poucos dias, três pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Museu de História Natural de Londres propuseram, em um artigo da revista Nature, uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros. Como contam em seu artigo, desde 1887 já são reconhecidas as linhagens Ornithischia e Saurischia. Desde antes de que a própria linhagem Dinosauria fosse proposta, o que aconteceu em 1974, com a junção daquelas duas linhagens. Como se vê, por mais de um século, os paleontólogos consideram os ornitísquios e os saurísquios como representantes de linhagens distintas. Este se tornou um dogma da Paleontologia. Na opinião dos autores do artigo, muitas análises filogenéticas foram feitas ao longo dos anos sem dar a devida atenção a possibilidade de que a clássica divisão da linhagem Dinosauria pudesse estar equivocada. Através de um levantamento muito completo de inúmeros caracteres de dinossauros basais (tanto de saurísquios quanto de ornitísquios) e de representantes dos Dinosauriformes (grupo-irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros), os autores propõem uma hipótese nova para as relações de parentesco dentro da linhagem Dinosauria. É a derrocada de um dogma centenário! [...]

Rafael Faria, Dinossauros e Dogmas In: **PaleoMundo**, 11/04/2017. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2017/04/11/dinossauros-e-dogmas/>> Acesso em 02 mai.2019.

34. INÉDITA - Celina Gil

Assinale a única alternativa em que o termo destacado não pode ser considerado uma oração subordinada adjetiva:

- a) “os ornitísquios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis,”
- b) “e os saurísquios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves,”
- c) “(...) uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros.”
- d) “grupo-irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros”



e) “É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente (...).”

Comentários:

Para responder a essa questão, é preciso realizar a análise sintática das orações uma a uma:

Alternativa A: “os ornitísquios (Ornithischia), que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis,”

Oração principal: “os ornitísquios (Ornithischia)” **subtendendo-se um verbo “ser”, presente na oração anterior**. Deve-se entender aqui que a oração seria “são os ornitísquios”.

Oração subordinada: “que apresentam os ossos pélvicos como na maioria dos répteis,”

Essa oração está dando uma característica ao termo “ornitísquios”, portanto, **é uma oração adjetiva**, nesse caso explicativa, pois está entre vírgulas.

Alternativa B: “e os saurísquios (Saurischia), que apresentam os ossos da pelve como nas aves,”

Oração principal: “e os saurísquios (Saurischia)” **subtendendo-se um verbo “ser”, presente na oração anterior**. Deve-se entender aqui que a oração seria “são os saurísquios”.

Oração subordinada: “que apresentam os ossos da pelve como nas aves,”

Essa oração está dando uma característica ao termo “saurísquios”, portanto, **é uma oração adjetiva**, nesse caso explicativa, pois está entre vírgulas.

Alternativa C: “(...) uma nova hipótese que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros.”

Oração principal: “três pesquisadores da Universidade de Cambridge e do Museu de História Natural de Londres propuseram (...) uma nova hipótese”.

Oração subordinada: “que fez tremer a árvore filogenética dos dinossauros”

Essa oração está dando uma característica ao termo “hipótese”, portanto, **é uma oração adjetiva**, nesse caso restritiva, pois se apresenta sem vírgulas.

Alternativa D: “grupo irmão dos dinossauros, composto por répteis que quase são dinossauros”

Oração principal: “composto por répteis”

Oração subordinada: “que quase são dinossauros”

Essa oração está dando uma característica ao termo “répteis”, portanto, **é uma oração adjetiva**, nesse caso restritiva, pois se apresenta sem vírgulas.



Alternativa E: “É comum que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente (...).”

Oração principal: “É comum”

Oração subordinada: “que o conhecimento popular e a própria divulgação científica nomeiem erroneamente”

Essa oração, diferente das anteriores, não dá características ao termo anterior. Sua relação com a oração principal, portanto, é de subordinação substantiva – já que o pronome “que” não aparece nas orações adverbiais. Substituindo-se a oração por um isso, teremos: “É comum **isso**”. Na ordem direta, “Isso é comum”. **Portanto, é uma oração substantiva com valor de sujeito.**

Gabarito: E

Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro.

Alguém que entrava no gabinete veio arrancar a formosa pensativa à sua longa meditação. Era D. Firmina Mascarenhas, a senhora que exercia junto de Aurélia o ofício de guarda-moça.

A viúva aproximou-se da conversadeira para estalar um beijo na face da menina, que só nessa ocasião acordou da profunda distração em que estava absorta.

Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento; e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.

Entretanto D. Firmina, acomodando a sua gordura semissecular em uma das vastas cadeiras de braços que ficavam ao lado da conversadeira, dispunha-se a esperar pelo almoço.

- Está fatigada de ontem? Perguntou a viúva com expressão de afetada ternura que exigia seu cargo.

- Nem por isso; mas sinto-me lânguida; há de ser o calor, respondeu a moça para dar uma razão qualquer de sua atitude pensativa.

Estes bailes que acabam tão tarde não devem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela. Ora, ontem, quando serviram a ceia pouco faltava para tocar matinas em Santa Teresa. Se a primeira quadrilha começou com o toque do Aragoão!... Havia muita confusão; o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!...

D. Firmina continuou por aí além a descrever suas impressões do baile de véspera, sem tirar os olhos do semblante de Aurélia, onde espiava o efeito de suas palavras, pronta a desdizer-se de qualquer observação, ao menor indício de contrariedade.



Deixou-a a moça falar, desejosa de desprender-se e embalar-se ao rumor dessa voz que ouvia, sem compreender. Sabia que a viúva conversava acerca do baile; mas não acompanhava o que ela dizia.

(José de Alencar, **Senhora**, 2013, p. 40)

35. INÉDITA – Celina Gil

Assinale a alternativa que não apresenta período composto por coordenação:

- a) “A viúva aproximou-se da conversadeira para estalar um beijo na face da menina”
- b) “Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento; e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.”
- c) “Nem por isso; mas sinto-me lânguida”
- d) “Estes bailes que acabam tão tarde não devem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela”
- e) “o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!...”

Comentários:

Para responder a essa questão é preciso fazer a análise sintática de cada alternativa:

Alternativa A: “A viúva aproximou-se da conversadeira para estalar um beijo na face da menina”

Oração principal: “A viúva aproximou-se da conversadeira”

Oração subordinada: “para estalar um beijo na face da menina”

O conector “para” indica noção de finalidade ligada ao verbo (a fim de que ela se aproximou?). Portanto, essa oração é **subordinada adverbial final**.

Alternativa B: “Aurélia correu a vista surpresa pelo aposento; e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.”

Oração coordenada: “e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.”

O conector “e” indica noção de **adição** (uma ação + outra). Portanto, essa oração é **coordenada sindética aditiva**.

Alternativa C: “Nem por isso; mas sinto-me lânguida”

Oração coordenada: “mas sinto-me lânguida”

O conector “mas” indica noção de **oposição** (uma ação X outra). Portanto, essa oração é **coordenada sindética adversativa**.



Alternativa D: “Estes bailes que acabam tão tarde não devem ser bons para a saúde; por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela”

Oração coordenada: “por isso é que no Rio de Janeiro há tanta moça magra e amarela”

O conector “por isso” indica noção de **explicação**. Portanto, essa oração é **coordenada sindética explicativa**.

Alternativa E: “o serviço não esteve mau, mas andou tão atrapalhado!...”

Oração coordenada: “e interrogou uma miniatura de relógio presa à cintura por uma cadeia de ouro fosco.”

O conector “mas” indica noção de **oposição** (uma ação X outra). Portanto, essa oração é **coordenada sindética adversativa**.

Portanto, apenas a alternativa A não apresenta oração coordenada.

Gabarito: A

Texto para as próximas questões

Um caboclo mal-encarado entrou na sala. Mendonça franziu a testa. Quis despedir-me; receei, porém, que o momento fosse impróprio e conservei-me sentado, esperando modificar a impressão desagradável que produzia. As moças me achavam maçador, evidentemente.

- Se o inverno vindouro for como este, desgraça-se tudo: isto vira lama e não nasce um pé de mandioca.

- Decerto, concordou Mendonça, visivelmente aporrinhado com o caboclo, que me olhava tranquilo, sem levantar a cabeça.

- Pois até logo, exclamei de chofre. A eleição domingo, hem? Entendido. Mato um... (la dizer um boi. Moderei-me: todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores.) um carneiro. Um carneiro é bastante, não? Está direito. Até domingo.

E saí, descontente. Creio que foi mais ou menos o que aconteceu. Não me lembro com precisão. Atravessei o pátio e entrei no atalho que ia ter a São Bernardo. Que vergonha! Tomar a terra dos outros e deixá-la com aquelas veredas indecentes, cheias de camaleões, o mato batendo no rosto de quem passava!

Percorri a zona da encrenca. A cerca ainda estava no ponto em que eu a tinha encontrado no ano anterior. Mendonça forcejava por avançar, mas continha-se; eu procurava alcançar os limites antigos, inutilmente. Discórdia séria só esta: um moleque de São Bernardo fizera mal à filha do mestre de açúcar de Mendonça, e Mendonça, em consequência, metera o alicate no arame; mas eu havia consertado a cerca e arranjado o casamento do moleque com a cabrochinha.

(Graciliano Ramos, **São Bernardo**, 2013, p. 37 - 38)



36. INÉDITA - Celina Gil

“Se o inverno vindouro for como este, desgraça-se tudo: isto vira lama e não nasce um pé de mandioca.”

Sobre o período acima, é correto afirmar que:

- I. Em “Se o inverno vindouro for como este, desgraça-se tudo” há uma construção na ordem indireta, já que a oração subordinada vem escrita antes da principal.
- II. Há uma coordenação assindética presente nesse período.
- III. Em “isto vira lama e não nasce um pé de mandioca” há uma noção de somatória na relação entre as orações.

Está correto o que se afirma em:

- f) e II.
- g) e III.
- h) e III.
- i) Apenas III.
- j) Todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois o período, se escrito na ordem direta seria “Tudo se desgraça se o inverno vindouro for como este”. As orações estabelecem entre si uma relação de subordinação condicional.

O item II. está correto, pois entre os termos que vêm antes e os que vêm depois dos dois pontos há uma relação de coordenação, já que são frases independentes entre si: “Se o inverno vindouro for como este, desgraça-se tudo” e “isto vira lama e não nasce um pé de mandioca.”

O item III. está correto, pois a conjunção “e” tende a assumir valor de adição. No caso expresso no enunciado, as orações são coordenadas sindéticas aditivas.

Gabarito: E

37. INÉDITA - Celina Gil

Assinale a alternativa em que a oração destacada assume o valor de objeto direto:

- a) “visivelmente aporrinhado com o caboclo, que me olhava tranquilo, sem levantar a cabeça.”
- b) “todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores”
- c) “receei, porém, que o momento fosse impróprio”
- d) “entrei no atalho que ia ter a São Bernardo”



e) esperando modificar a impressão desagradável que produzia.

Comentários:

Para responder à questão, é preciso fazer a análise sintática dos períodos de todas as alternativas:

Alternativa A: “visivelmente aporrinhado com o caboclo, que me olhava tranquilo, sem levantar a cabeça.”

“que me olhava tranquilo” refere-se a “caboclo”, de modo a caracterizá-lo. Por isso, essa oração tem valor de **adjunto adnominal**.

Alternativa B: “todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores”

“que eu tinha meia dúzia de eleitores” é objeto de “sabia”.

O verbo saber, no sentido de “ter conhecimento de algo”, é transitivo indireto. Portanto, “que eu tinha meia dúzia de eleitores” **é objeto indireto**. Comprova-se substituindo-se a oração por um **isso**: “todo o mundo sabia disso”.

Alternativa C: “receei, porém, que o momento fosse impróprio”

A oração a ser analisada é “receei que o momento fosse impróprio”. “que o momento fosse impróprio” é objeto de receei.

Substituindo-se a oração por um **isso**: “receei isso”. Portanto, a oração tem valor de **objeto direto**.

Alternativa D: “entrei no atalho que ia ter a São Bernardo”

“que ia ter a São Bernardo” refere-se a “atalho”, de modo a caracterizá-lo. Por isso, essa oração tem valor de **adjunto adnominal**.

Alternativa E: “esperando modificar a impressão desagradável que produzia”

“que produzia” refere-se a “impressão desagradável”, de modo a caracterizá-la. Por isso, essa oração tem valor de **adjunto adnominal**.

Gabarito: C

Texto para as próximas questões

As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia, aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas.

Não seria tudo o que o nosso amigo sentia, mas era muito. Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse



o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos.

Os olhos, por exemplo, não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com o Palha, e eles iam sublinhando a conversação... Agora, parecem mais negros, e já não sublinham nada; compõem logo as coisas, por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros. A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. Uma feição que a dona nunca pôde suportar, – coisa que o próprio Rubião achou a princípio que destoava do resto da cara, – o excesso de sobancelhas, – isso mesmo, sem ter diminuído, como que lhe dá ao todo um aspecto muito particular.

Traja bem; comprime a cintura e o tronco no corpinho de lã fina cor de castanha, obra simples, e traz nas orelhas duas pérolas verdadeiras, – mimo que o nosso Rubião lhe deu pela Páscoa.

A bela dama é filha de um velho funcionário público. Casou aos vinte anos com este Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco. O marido ganhava dinheiro, era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações. Em 1864, apesar de recente no ofício, adivinhou, – não se pode empregar outro termo, – adivinhou as falências bancárias.

– Nós temos coisa, mais dia menos dia; isto anda por arames. O menor brado de alarme leva tudo.

O pior é que ele despendia todo o ganho e mais. Era dado à boa-chira; reuniões frequentes, vestidos caros e joias para a mulher, adornos de casa, mormente se eram de invenção ou adoção recente, – levavam-lhe os lucros presentes e futuros. Salvo em comidas, era escasso consigo mesmo. Ia muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco, – mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares. Era assim um rei Candaules*, mais restrito por um lado, e, por outro, mais público.

E aqui fazemos justiça à nossa dama. A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros. Não a fazemos mais santa do que é, nem menos. Para as despesas da vaidade, bastavam-lhe os olhos, que eram ridentes, inquietos, convidativos, e só convidativos: podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes. A lanterna fazia parar toda a gente, tal era a lindeza da cor, e a originalidade dos emblemas; parava, olhava e andava. Para que escancarar as janelas? Escancarou-as, finalmente; mas a porta, se assim podemos chamar ao coração, essa estava trancada e retrancada.

*Rei Candaules: lenda helênica sobre rei de acreditava ser casado com a mulher mais bela de todas. Ele obriga um criado a vê-la nua escondido para provar seu ponto. Ele não sabia, porém, que havia uma maldição: se outro homem a visse nua, um deles deva morrer. O criado, então, o mata e se casa com a rainha.

(Machado de Assis, **Quincas Borba**, CAPÍTULO XXXV, 1994)



38. INÉDITA - Celina Gil

Quais orações estabelecem entre si relação de causa e consequência

- a) "(...) era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos"
- b) "(...) mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista"
- c) "la muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco"
- d) "Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares"
- e) "podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria em que não houvesse cômodos para hóspedes"

Comentários:

O período que melhor estabelece relação de causa e consequência é o da alternativa B, "(...) mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista". A causa são "as admirações" e a consequência é "que ela acabou gostando de ser vista". Para comprovar que essa é a única alternativa em que há relação de causa e consequência, basta substituir os conectores dos períodos das demais alternativas por conectores de causa ou consequência:

A alternativa A está incorreta, pois se houver a substituição do conectivo por outro de causa ou consequência, o sentido não se manterá: "era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, **de modo que** não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos".

A alternativa C está incorreta, pois se houver a substituição do conectivo por outro de causa ou consequência, o sentido não se manterá: ""la muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, **de modo que** se divertia um pouco"

A alternativa D está incorreta, pois se houver a substituição do conectivo por outro de causa ou consequência, o sentido não se manterá: "Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, **de modo a** mostrar aos outros as suas venturas particulares".

A alternativa E está incorreta, pois se houver a substituição do conectivo por outro de causa ou consequência, o sentido não se manterá: "podemos compará-los à lanterna de uma hospedaria **de modo que** não houvesse cômodos para hóspedes".

Gabarito: B



39. INÉDITA - Celina Gil

Casou aos vinte anos com este Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco.

Sobre o período transcrito acima, é correto afirmar que:

- IV. O sujeito dessa oração é indeterminado, pois não está expresso na oração e não é possível identificá-lo a partir da flexão verbal.
- V. O termo “zangão da praça” assume a função sintática de aposto, caracterizando Cristiano de Almeida e Palha a partir de uma metáfora.
- VI. “que então contava vinte e cinco” é uma oração que assume função de adjunto adnominal de “Cristiano de Almeida e Palha”, ainda que esses termos estejam separados por outro termo entre vírgulas.

A alternativa que apresenta os itens **incorretos** é:

- a) I. e II.
- b) I. e III.
- c) II. e III.
- d) I.
- e) II.

Comentários:

O item I. está incorreto. O sujeito dessa oração é oculto. Ainda que não seja possível identificar o sujeito pela flexão verbal, pelo contexto é possível saber que o sujeito é “a bela dama”, sujeito da oração anterior.

O item II. está correto, pois o termo “zangão da praça” possui as características de um aposto: aparece entre vírgula e explica/adiciona informações ao nome a que se refere.

O item III. está correto. Nada impede que o adjunto adnominal esteja mais distante do termo a que se refere, principalmente quando esse termo é um termo acessório como um aposto. De fato, “que então contava vinte e cinco” caracteriza “Cristiano de Almeida e Palha”.

Gabarito: D

40. (INÉDITA - Celina Gil)

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.



– Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

(**Dom Casmurro**, Machado de Assis)

Leia atentamente o trecho destacado e assinale a alternativa correta.

D. Fortunata, **que estava no quintal**, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

O trecho destacado transmite a ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) explicação.
- d) restrição.
- e) tempo.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois aqui temos uma caracterização da situação em que se encontrava D. Fortunata, não uma possível causa de alguma ação.

A alternativa B está incorreta, pois aqui temos uma caracterização da situação em que se encontrava D. Fortunata, não uma possível consequência de alguma ação.

A alternativa C está correta, pois a oração destacada é uma oração adjetiva explicativa, ou seja, explica onde estava D. Fortunata naquela situação. Isso se comprova pelo seu aparecimento entre vírgulas.

A alternativa D está incorreta, pois para haver valor de restrição, essa oração adjetiva não poderia vir entre vírgulas.

A alternativa E está incorreta, pois ainda que pudesse haver uma interpretação adverbial, ela seria de lugar, não tempo.

Gabarito: C

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	24/05/2021	Primeira versão do texto.

